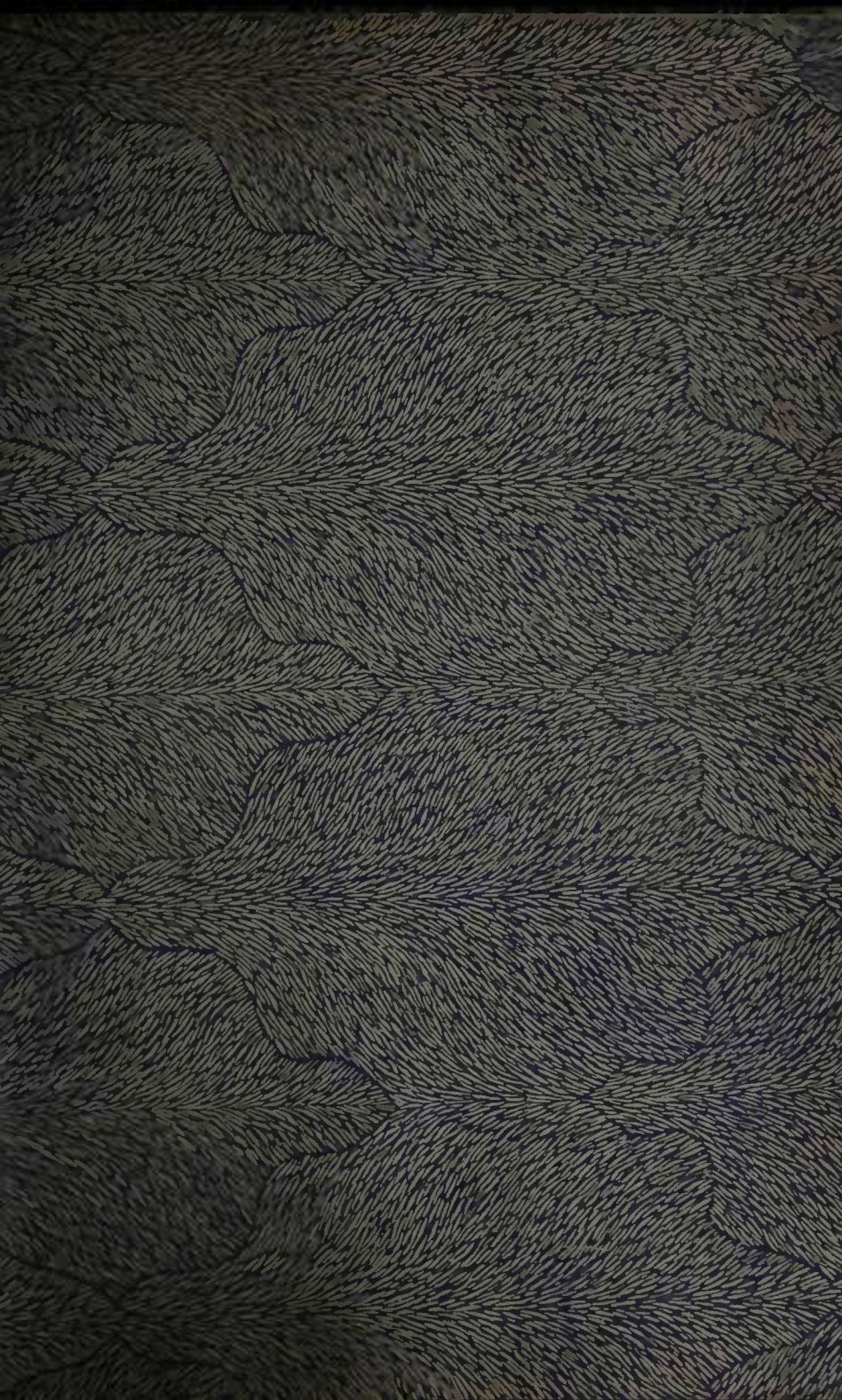




le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





Meu Gentil,

os Impressos trazem bom senso :  
ganham com a nova filha que me dá  
Estou e sinto-me em pleno vigor de  
corações —

Seu pai

~~Quil~~

L. A. de  
Bayma de  
IMPRESSOS.



# IMPRESSOS.

*Ysaquim de Souza Andrade*

J. S.  
(Ysaquim de Souza Andrade)

PRIMEIRO VOLUME.

—  
S. PAULO DO PARANHÃO.

1868.





**GUESA ERRANTE.**



«La victime était un enfant enlevé de force à la maison paternelle, dans un village du pays connu aujourd'hui sous le nom de SAN JUAN DE LOS LLANOS. C'était le GUESA, ou l'érrant, c'est-à-dire la créature sans asile: et cependant on l'élevait avec un grand soin dans le temple du soleil jusqu'à ce qu'il eût atteint l'âge de quinze ans. Cette période de quinze années forme l'indiction dite des Muyscas.

Alors le GUESA était promené processionnellement par le SENA, nom donné à la route que Bochica avait suivie à l'époque où il vivait parmi les hommes, et arrivait ainsi à la colonne qui servait à mesurer les ombres équinoxiales. Les xéques, ou prêtres, masqués à la manière des Égyptiens, figuraient le soleil, la lune, les symboles du bien et du mal, les grands reptiles, les eaux et les montagnes.

Arrivée à l'extrémité du SENA, la victime était liée à une petite colonne, et tuée à coups de flèches. Les xéques recueillaient son sang dans des vases sacrés et lui arrachaient le cœur pour l'offrir au soleil.»



## CANTO PRIMEIRO.

### I.

Folga, imaginação divina !

Os Andes

Vulcanicos elevam os cumes calvos,  
Circundados de gelos, mudos, alvos,  
Nuvens fluctuando—que espectac'los grandes !

Lá, onde o ponto do condor negreja,  
Scintillando no espaço como brilhos  
D'olhos, e cae a prumo sobre os filhos  
Do lhama descuidado; onde lampeja

Rugindo a tempestade; onde, deserto  
 O azul sertão, formoso e deslumbrante,  
 Arde do sol o incendio, delirante  
 No seio a palpitar do céu aberto,

‘Coração vivo!—Nos jardins da America  
 Infante adoração dobrou sua crença  
 Ante o bello signal, que a nuvem iberica  
 Em sua noite envolveu ruidosa e densa.

Candidos Incas! Quando já campeiam  
 Os heroes vencedores do innocente  
 Indio nú, quando os templos incendeiam,  
 Já sem virgens, sem oiro reluzente,

Sem as sombras dos reis filhos de Manco,  
 Vio-se . . . (que tinham feito? e pouco havia  
 A fazer-se . . .) n’um leite puro e branco  
 A corrupção, que os braços estendia!

E da existencia meiga, afortunada,  
 O roseo fio nesse albor ameno

Foi destruído. Como ensanguentada  
A terra fez sorrir o céu sereno !

Foi tal a maldição dos que caídos  
Morderam a face dessa mãe querida  
A contrair-se aos beijos denegridos,  
Que o desespero imprime ao fim da vida,

Que ressentio-se, verdejante e válido,  
O floripondio em flor; e quando o vento  
Mugindo estorce-o, doloroso e pallido,  
Gemidos se ouvem no amplo firmamento !

E o sol que resplandece na montanha  
As noivas não encontra, não se abraçam  
No puro amor; e os fanfarrões d'Hespanha,  
Em sangue edeneo os pés lavando, passam.

Caiu a noite da nação formosa;  
Cervaes romperam por nevado armentó,  
Quando com a ave a côrte deliciosa  
Festejava o purpureo nascimento.

## II.

Assim volvia a olhar o Guesa Errante  
As meneiadas cimas, como altares  
Do genio patrio, que a ficar distante  
Vôa a alma beijar além dos ares.

E, enfraquecido o coração, perdôa  
Pungentes males que lhe deram os seus,  
Talvez feridas settas abençoâ  
Nahora saudosa, murmurando adeus.

## III.

Porém não se interrompa esta paisagem  
Do sol no espaço! mysteriosa a calma  
No horizonte, na luz bella miragem  
Errando, sonhos de doirada palma.

Folga, imaginação divina! Sobre  
As ondas do Pacifico azulado



O phantasma da Serra projectado  
Aspero o cinto de nevoeiros cobre:

Donde as torrentes espumando saltam  
E o lago anila seus lençóis d'espelho,  
E as columnas dos picos d'um vermelho  
Clarão ao longe as solidões esmaltam.

A fórma os Andes tomam solitaria  
Da eternidade feita vendaval  
E compellindo os mares, procellaria,  
Condensa e negra, indomita, infernal !

(Ao que sobe do oceano, avista a curva  
Perdendo-se do ether no infinito,  
Treme-lhe o coração; a mente turva  
S'inclina e beija a terra—Deus bendito !)

Ou a da noite austral, co'a flor do prado  
Comunicando o astro; ou a do bronco  
E convulsivo se annellar d'um tronco  
De constrictor, o páramo abrazado.

E o deus no espaço, em fulgorosas vagas  
 Repercutida a luz no céu profundo,  
 Fugitivo dos Andes, corre as plagas  
 Da morte o filho. O encontrareis no mundo:

Ora sorrindo o riso dos amores,  
 Que ao peregrino encantam os corações;  
 Ora chorando nas saudosas dores  
 Debruçado no tumulto das nações.

## IV.

Elle entrega-se á grande natureza  
 Voluntario; rodéam-n'os selvagens;  
 O Amazonas tremulo, suas margens  
 Rotas, os échos a distancia os pésa.

Ama, accesa a planicie, em lentejoulas  
 Luzindo as florezinhas verticaes;  
 Dorme á sombra de mysticas papoulas;  
 Uivo o vento volvendo os vegetaes.

Escuta hymnos d'além, vòa á corrente  
 Dos pongos, que retumbam no deserto;  
 Do calix pende desse enlevo aberto  
 Da flor, que se desata enrubecente—

Flor de mel ! Susurrantes ao meio dia  
 As abelhas na selva, na espessura  
 Reina o viver—Oh ! bella creatura,  
 Dos olhos teus a luz é tão sombria !

Se comprimem-se os membros palpitantes  
 A passal-os em si, ou são delirios  
 Dos encantos, ou candidos martyrios  
 Dos desejos instando co'os instantes,

Não sei. Mas tinto' de coral o rosto,  
 Em doce encarnação, quãl se se abrissem  
 No coração jardins e que florissem  
 De matiz vivo, puro e não composto,

Desce o vago dos céus, desce no enlevo  
 Crepuscular e a doce transparencia  
 Das namoradas rosas da innocencia. . . .  
 —Ser e não ser—adeuses eu descrevo—

Adeuses, com a gentil philosophia,  
 Com toda a metaphysica inspirada  
 De Platão o divino, que em poesia  
 Possa caber nesta soidão sagrada.

Descrevo a embriaguez d'elyseos sonhos  
 E as tão formosas cousas, de tal sorte  
 Das mãos dos céus seraphicos, risonhos  
 Caindo meigas entre a origem e a morte.

Nossa alma eterna pelas rayas erra  
 Dos desterros da vida se extinguindo;  
 Depois, como o estou vendo estar luzindo,  
 Vem ver-se o sol; depois, ao diabo, á terra.

Oh ! de amor quantas corôas delirantes !  
 Chammeja em flores tremulo o docel,  
 Doiram-se fructos, fendem-se, brilhantes  
 Gottas vertendo de ambrosiado 'mel;

Concertam passarinhos na ramagem  
 Com os rumores, que ouviram no paraiso  
 Os primeiros amantes, mansa aragem,  
 Ondas frescas, a sombra, o amor, o riso,

Quando acorda-se á voz da natureza  
 Do beija-flor nas azas, que a solteira  
 Com o mavioso langor desta palmeira  
 Derrama em torno á magica belleza.

Os assombrados olhos lhe branqueam  
 Como o vôar da borboleta, errantes  
 Pelos cilios umbrosos, e os diamântes  
 Em al centelha ignivoma incendêam:

E param, meigos da fatal meiguice  
 De vesper em seu centro de vapores—  
 3

Ella entrega-se e exhala como as flores,  
E, de a colherem na soidão, bem diz-se.

Ella é como a baunilha, seus cabellos  
Trescalam, luze-negros e aromosos,  
Rosam-lhe os risos flor, e os braços bellos  
Penetram enlaçando-se viçosos.

Aqui não são as nuvens, que desmaiam  
Nas auroras de amor vãs outomnaes;  
Aqui dardeando os raios, onde cáiam  
A morte levam ou gosos perennaes:

Que nunca olhòs tão puros entornaram  
Do fogo interno tantas claridades,  
Doces iris de luz, que se geraram  
No amor do sol com as bellas tempestades:

Moveis noites d'estrellas que fagulham  
Toda existencia, o reino dos sentidos  
Ao coração passando, e nos ouvidos  
O fracasso dos pongos que marulham!

Seguí-a: luta brava, mimos— se hoje  
Ella voa veloz e peregrina  
Corça esbelta espantada na campina,  
Perseguí—que amanhã já menos foge:

Volta o ágil pescoço, n'um pé lindo  
Balancêa confusa, e sorridente  
Ireis vel-a; mas, quando obediente,  
Aconselho-vos, dai tudo por findo.

—Podeis morrer de beijos, que são faces  
Onde alvorecem as mais puras rosas,  
Não ha na varzea acacias tão cheirosas,  
Nem tão brilhantes frechas, tão fugaces—

Mas é preciso vêr como, rendida  
Ao grande amor, a Brasileira esquiva  
Tem extremos, e como enternecida  
Estende a pomba o collo compassiva!

Bella como este sol dos grandes climas  
Do seu paiz, ella é fiel e nobre:  
Mas irradia e luz, coriscos sobre  
Minha ilha verde de florentes cimas,

Se mal suspeita uma rival! em zelos  
As vaporosas roupas desampara,  
E é com a face livida que encara  
O tyranno, se embrulham seus cabellos,

Abandona-se á dor. Accessa quanto  
Inflammavel, simelha de vingança  
Furiazinha ferida, na esperança  
Do coração, na fonte de seu pranto.

Irada sem ser féra, como a bella  
Garça offensiva pelas azas, rudas  
Na doce alvura, já suas horas mudas  
Começam de ir. Então não ha mais vel-a:

Porque nas sombras pela noite, occulta  
Como o foi para amor, ella sozinha



Comprime a fronte d'anjo, se amesquinha  
E na rede embalada se sepulta:

Que bem se julga envilecer chorando  
Ante o que a roubou de uma existencia  
De paz, lançando-a na fatal demencia  
Em que ella está, perdida. Então cantando

A vereis, se passardes sem ser visto,  
Beijando o filho caro; e no seu canto,  
Nessas notas finaes, longas do pranto,  
Se ella se queixa, apenas diz: existo.

E ella tem razão. Mas, vingativa  
Nos serpentinos impetos, ainda  
E nunca se deshonra. A noiva finda,  
Começa a viuvez meditativa.

A viuvez do amor desesperado  
 Da que cedeu, que fez dos braços leito  
 De sonhos, e que vê sobre seu peito  
 Altar de um deus por *outra* derribado:

Da que solta correu, virgem, menina  
 Do páramo e do val, como o perfume  
 Sobre os raios do sol, na adamantina  
 Fonte mirou-se—e como se resume!

A viuvez da que desperta e cerra  
 Os olhos de vergonha... na fraquêza  
 Em que s'inflamam os seios da beleza  
 E o desencanto que encontrou na terra.

## VI

Tal bonina quereis, pura, cheirosa?  
 — Solemnes calmas, quando se desmaia  
 O areal vasto de deserta praia,  
 Vede-a banhar-se, esplendida, donosa,

Nas ondas de ouro e luz oyara bella !  
—Rosea a tarde, assentada no batente,  
O dia pelos montes decrescente  
Trazendo mil saúdaes á donzella !

Quem a não ama ! se ella é tão suave  
Na indolencia dessa hora ! a luz que emana  
Do occidente a reflecte, o trino da ave  
E o brando olor da terra americana.

É no silencio se lhe esvaem enfermos  
Lentos olhares seus, meiga violeta  
Inspirações da varia borboleta  
A anoitecer nos bosques fundos, ermos:

Ou ainda mais bella, se languisce  
Rindo ás nuvens quaes sonhos lhe adejando  
Do cachimbo doirado, e se embalando  
Em lascivos quebrantos adormece.

Mais o quadro realça, a sombra escura—  
 Aproximai-vos pois, que nos ardores  
 Da sésta é doce a inclinação das flores  
 Do aroma ao peso e a somnolenta alvura.

N'um abandono voluptuoso dorme  
 A bella natural do clima ardente,  
 Uma alva perna a lhe pender luzente  
 Da varanda de plumas multiforme:

Tontêa a fronte, em raptos remontam  
 Pensamentos aos céus. . . .olhai, que seio  
 Alino e tão branco entumecendo ao meio  
 D'um corpo a viçar lyrios, que despontam

Ao fogo eterno! larvas d'outros mundos,  
 De que neste vos dão tremenda idéa  
 Os danteos tratos com que amor se ateia  
 Na alma, vedando os pomos rubicundos!

## VII

Se fructa preferis de travo agreste,  
Ou peixe-electrico a lampêar nas aguas,  
Ou d'ave, andando ao sol que a punge e veste,  
Altivo collo e longe ouvidas maguas:

—Da poeira funebre no ritual piedoso,  
Á sombra circular dos aryoredos  
Fogosa indiana, manitô saudoso,  
Suspira ao vento que lhe traz segredos:

Á florea margem, com suas novas tranças  
Luzindo o olhar de lago puro e morno,  
A *apresentada* das ruidosas dansas,  
Das cruas provas, roda a, amor em torno:

A flor colhei dos troncos, tão selvagem,  
Tão vagabunda, que nos galhos mora,  
Que assalta as brenhas, anda em ciganagem  
E com o ramo espreguiça-se na aurora:

Vogai na balsa co'a Purú boyante;  
 Co'a Miranha no monte ide fugindo  
 Do anthropophago Umáua se partindo  
 Espectro. —

## VIII

Meia noite! O Guesa Errante,

Na selva os berros do jaguar fragueiros,  
 Nas plumbeas praias da deserta Ronda  
 Soltando o lanço os ledos marinheiros,  
 Do seu banho nocturno agora da onda

Se separava: assobiando os ventos  
 Nas encostas sonoras, lle enxugavam  
 Os seus cabellos negros, que agitavam  
 Como ondulam os sombrios movimentos

Do Solimões pallido. Elle escuta:  
 Auras surdas, diaphanas alfombras  
 No espaço, o resonnar da pedra bruta:  
 E entristecen.

## CONTEMPLAÇÃO NAS SOMBRAS:

«Não foste ainda o Lethes . . . Aqui, donde  
Veloz gavião-real prendendo a cobra  
Que esfusia e debate-se, desdobra  
No ar serenas azas e responde

«Com grita ovante ao s'escorjar violento  
Do reptil, no espaço ora o soltando  
Em convulsão brilhante, ora sedento  
E livido sobre elle o retomando:

«Com sua dor abraçado, no martyrio  
Do que dobra ao bater do pensamento  
E não presente vir-lhe o esquecimento  
Nem de Deus, nem da morte ou do delírio,

«O homem descança. A ave se desata

E desdenha o rochedo; elle aqui, preso  
 Pelas cadeias do seu proprio peso,  
 Une-se á terra — condição ingrata!

«Oh ironia! o fazem miseravel  
 E abrem-lhe os olhos! para que? — Estrellas,  
 Scintillai! scintillai! Passando as vèlas  
 Vermelhas pela soubra permeavel,

«O pescador ficando mudo as toma  
 Pelo vulto phantastico descendo  
 Da mãe-do-rio, flúida estendendo  
 As fórmas na onda moavel.—Puro aroma

«Exhalam os seios naturaes! Se cria  
 Um filho nelles, e a maior aurora  
 Que precedeu ao sol, foi nesta hora  
 Que se encarnou nos braços de Maria!



«Descei, raios da noite ! o dia é claro  
E pôde mesmo ser talvez mais bello;  
Porém a noite etherea traz o sello  
Do coração ao sentimento caro.

«Quanta augusta nudez ! Oh ! é verdade,  
Não é uma illusão, que está-se ouvindo  
Ao tempo solitario dividindo  
Longe o horario fatal da eternidade !

«Apagam-se no mundo agora as luzes,  
As mascaras se rompem, e das paixões  
Erguem-se os crimes co'as exhalações  
Do impuro estagno; e como tu seduzes.

«Deshonra ! que os abyssos dos teus olhos  
Da alma innocente as esperanças bebem !  
Mudam-se as scenas dos jasmims em abrolhos,  
E os amores resistem, porém cedem:

«—Doce degradação do Bardo eterno—  
 Qual andorinha alegre que esvoaça  
 Por sobre o Paulo-Affonso, e passa e passa  
 Mirando-se gentil à flor do inferno:

«A onda estúa, o turbilhão resôa  
 No abysmo, o nevoeiro são bandeiras  
 D'iris de ouro brilhante, feticheiras  
 Bellas azas de Lucifer; revôa.

«E passa, passa, vôa já mais rasa,  
 E na fascinação da queda e as vozes  
 Já sente o palpar d'aguas atrozes  
 A sorrir-lhe, a beijar-lhe as pontas da aza—

«Ai adeus! e somiu-se. N'um tormento  
 Vai da onda nos seios. Mais uma hora,  
 Lá no fim da corrente eis que a devora,  
 Sô, o abutre da dor.—Neste momento

«Os meus prazeres são com a natureza,  
 É nas plagas inhospitas, com a vaga  
 Que são as minhas festas, na tristeza  
 São as brisas da noite quem me afaga:

«Porque o destino e a dor do pensamento  
 Encontram sempre aqui alguma infinda  
 Consolação—mais dolorosa ainda—  
 Nossa alma é dupla sobre o isolamento.

«Os gosos d'alma aqui são solitarios  
 Como o passado; mas então as rosas  
 Não desfolham, tão murchas, tão penosas.  
 Na face púdica; os vestaes sacraríos

«Não penetram-se; o somno socegado,  
 Como um sonho do mal, não se perturba.  
 Sitibundo de amor e embriagado  
 Na rosea taça, que se eleva á turba.

«Mas, quanta dor no amor! e que afflictivos  
 Dos outros corações não se levantam  
 Prantos em torno ao meu! que o desencantam  
 Da luz, o apartam do bailar dos vivos.

«E fujo em vão: cá dentro, dentro esento  
 Soluçar fundo—e não desagradeço:  
 Vê-se, como tão rapido anoiteço,  
 Como de sombra e solidão me enluto.

«Entretanto horas ha, como as que expiram,  
 Neste instante através da minha vida,  
 Em que sinto correr esta querida  
 Lagryma, orvalho do passado. . .

Gyram

«Talvez, se sentem, os circulos divinos  
 De azas ineflavéis—Santo Espirito!

Sobre o raio diaphano e sopito  
 Descei da noite de formosos hymnos !  
 ..... . . . . .

«Do mundo despedi-me, está despido  
 O manto social que me trajava:  
 Eu direi a razão porque hei vivido  
 Longe de tudo quanto eu mais amava.

«Acostumando-se 'alma co'as estrellas,  
 As soidões aniladas, a exilar-se  
 Nas montanhas umbrosas, a embalar-se  
 Como a ave do ar nas vascas bellas

«Do oceano a torcer os puros musculos  
 De seus hombros profundos—que se riam  
 Embora, os meteóros que desfiam  
 Fátuos á face de estivaes crepusculos,

«Rompem-se as relações (eu não odeio  
 Que não possam ouvir-me), e discordante  
 Só não fica esta voz de eterna amante,  
 Que dá sofrer e amar com o mesmo enleio.

«Anda-se como eu ando, sem conforto,  
 Vendo a verdade nas divinas dores,  
 E nestes astros, neste abril de flores,  
 Somente espinhos—como no Mar-morto

«Cingiam a vaga e a desmaiada fronte,  
 Corôa única.—O que sou? quem era?  
 Ramo estalado ao sol da primavera,  
 Olhando os cumes de teu sacro monte,

«Fillia eterna dos céus! Oh, ninguém queira  
 Saber o quanto pode ter passado  
 Um coração que chega a este estado  
 Solitario, em que estou nesta ribeira!

«Eu não conheço as afeições queridas  
Da família e do lar: as minhas maguas,  
Como os sons destes rios, destas fraguas  
Neste silencio morrem, vão perdidas,

«Sem a tão doce inclinação que leva,  
Como a veia dos vales, aos ouvidos  
O puro mel de labios conhecidos —  
A noite eu sou, consumo a minha treva.

«E qual no exilio d'alma o vão suspiro  
Parte-se, e as illusões abandonando  
Do mundo sáe, direito ao seu retiro  
O jogador suicida, praguejando

«Contra os deuses e os homens, não me queixo  
Da Fortuna e do Amor—candida presa  
Que um filho d'aguia no doidar despreza  
Dos delirios ao sol—em que inda o deixo.

«Porém vós, que não tendes a serpente  
Escamosa a morder-vos enrolada  
No coração em sangue, quanto amada  
Não será vossa vida de innocente!

..... ;  
«Tambem frui no engano destes sonhos  
De alvejantes visões, azas radiosas  
Velando em meu abysmo, mariposas  
Nortes no errado mar. . . Dias risonhos,

«Que não fazem senão que se ressinta  
Mais do negrume a sombra! Ainda eu amo:  
Bem vés que ao meu inferno te não chamo;  
Deixa-me só, na lagryma retinta

«Banhar a bella tarde, que se apaga  
Dos olhos meus— Atrás ficava a França,



Como um lume saudoso; de esperança  
 Novo lume eu seguia sobre a vaga,

«Onde eu era a tormenta! eis o passado.  
 E o presente? o gelo, a morte existe  
 Entre mim e o mais, e mudo e triste  
 O céu, qual de minha alma repassado.

«Porém, que importa tudo isso?—quando  
 A acção divina desce e com o que erra  
 Ser orgulhoso vem se unir na terra,  
 É sempre infeliz o mixto resultando.

.....  
 «Corro ao tumulto; as crenças namoradas  
 Venhõ esquecer aqui — nunca se esquecem!  
 Neste interno horizonte surgem aladas  
 As formosas saudades, apparecem

«Como as aves de Ossian voltejando  
 Sobre o escudo sonoro do guerreiro  
 Que seguíam ao valle — O desespero,  
 Nossa alma immortal dilacerando,

«Cria a indifferença, irmã da morte,  
 Goga a esses lizes de que amores falam  
 Com saudosa magia, em que se exhalam  
 Os seios das paixões da virgem forte

«E a tarde sideral:—cinza deixei-os,  
 Sem s'inflamarent, nem dos ventos serem,  
 Da sociedade livida a se erguerem  
 Num presente isolado, os bellos seios!

«Tremulos eram, eram travesseiros  
 Magos do sonho, e solidões formosas  
 Dos bem-queridos crimes feiticieiros  
 Do coração, que ás chammas engano-as-

«Endoidece Dos céus que então se digam  
Os mil romances de virtude, clamam  
As voragens por estes seios que amam,  
Que eternizam desejos, que se ligam

«Ao sacrifício—e dos anhelos ternos  
Se desencantam, no aborrecimento  
Deste desgosto e frio tédio, infernos!  
Do que nos deram de melhor...»

O vento

Murmurou, qual satânica risada  
Que estalasse na treva.

«Então se geram

Subtil remorso e a saudade amada,  
Tal por divertimento nos fizeram...»

Ora o Guesa, talvez supersticioso  
Do deserto, das sombras, e essas vozes

Formidaveis da noite além nas fozes,  
Estremeceu e despertou medroso —

Que é n'um lúcido somno que as idéas  
Se prolongam mais fundas em nossa alma.  
«—Quem está se rindo?!... eu devo com mais calma  
Pensar... não são tão sós mesmo as areias...

«E eu verguei ao peso de meus males:  
Céus, quanto soffro! tenho consumido  
Gotta por gotta do meu negro calix  
O fel, de que acabei por ser nutrido.

.....  
Força da solidão, eterna imagem  
Contemplada nos céus, alma em acção,  
Sê divina! e vós, musas da aragem,  
Vibrai as harpas da meditação!

«Eu falava nas cousas em que nunca  
 Eu devera falar: é resignado  
 Que devemos sentir ser-nos quebrado  
 O coração, como onda amára, adunca.

«Elemento de amor, dor que devoras  
 Os que nutres, nos labios do maldito  
 O verbo teu será sempre bemdito . .  
 .....  
 Eis o risonho grupo das auroras!

«Não; foi rara neblina quando move  
 De seu vapor as alvas fraldas bellas;  
 Inda o grito das aves, sentinellas  
 Das horas do deserto, ao longe se ouve.

«Não esperei de viver tanto: ha muito  
 Que está contado o numero sombrio

Dos dias meus: e á beira deste rio  
 Preso ás minhas ruínas se inda nuto,

«É porque tenho de pagar favores  
 De muitas mãos, que foram recebidos  
 Por um prazo, que julgam-se perdidos  
 Talvez, e são as sempre vivas dores.

«Nunca ós agradeçi, como ha costume  
 D'em cortezia agradecer-se a offerta:  
 Os reconheço, crède e tende certa,  
 Além da gratidão, que é flor do cume,

«A lettra—juros, capital—Um dia,  
 Lembro-me agora, naufrago e perdido,  
 Porém só, na mudez minha e sombria  
 Fui á audiéncia dos reis; fui recebido.

«Meu rosto juvenil tinha a verdade  
Da morte prematura; mas havia  
No silencio dos olhos, co'a saudade,  
Vago destino e esp'rança de algum dia.

«Eram os paes dos povos, fui. Somente  
Nessa divida de honra, a salvação  
De um suicida e d'afros mui dolentes,  
Quizera eu sagrada discrição.

«Minha mãe virtuosa, ó liberdade,  
Amor do coração! —voltei mais nobre—  
Tal reservado offende á magestade,  
Os reis não correspondem-se co'o pobre.

«O que é de Cesar, pela grande porta;  
Na pequena e suspeita, o que é de Christo  
Revolucionario eterno.— Um véu sobre isto,  
Cuja antiga lembrança punge e corta.

«Bençãos aos reis, e maldição aos réus,  
 Qual bem podiam de ouro ser as rosas:  
 —Não se apaguem as da vida, mais formosas,  
 Mais rescendentes, os encantos meus,

«Sempre que nos libertam!

.....

Quanto amarga

Teu fructo, impuro, doce amor! Se a amante  
 Com purpurino rir nos cinge adiante  
 Dos deuses; se na adolescencia a carga

«Do coração é leve (oh como é leve!):

Se as volívolas horas desaparecem  
 Na fuga esperançosa e nos parecem  
 As cousas rindo-se, esperai: em breve

«A sonda tóca o fundo da existencia;

A lia a tolda: de encantados mares



Vão-se as fadas, e vem os negros ares;  
E vem de scorpio o dardo de violencia—

«Emmudecei ! perpetuas da virtude  
Sobre tão verde relva, com piedade,  
Onde dorme essa flor de juventude,  
Teçam rôxas corôas da saudade!

«Foi Chatterton, meu Deus, que encontrou negra  
A aurora do viver na luz doirada !  
E então, sabeis o quanto é desgraçada  
A dor sem causa ! nunca mais se alegra;

«Faz-se o deserto dentro aqui, profundo,  
Onde fluctua o coração sem norte;  
Em torno, outro deserto, em todo o mundo,  
Por onde, como um vivo com sua morte.

«Passa-se; e como funebre corrente  
 Rolando ao mar a onda solitaria,  
 De eternidade humilde tributaria,  
 O frio da velhice se presente;

«E que tudo ha passado, e nada falta,  
 Ou é o mesmo . . . porque quando gosa  
 Do repouso o mortal, se elle repousa,  
 Logo a implacavel voz o sobressalta!

«Mas, ao sem rumo delirar dos passos  
 Em que, mau grado seu, lá vai descendo,  
 Afeição-se em fim, ama os espaços  
 Como a nuvem de outomno os percorrendo—

.....

«Será pela leviana, quão formosa  
 Do amor e da discordia estrella, entrando  
 No céu, que se alvorota a harmoniosa  
 Ordem dos astros, que me está turbando? . . .

«É com tácio horror que á noite mádida  
 Contempla-se esta morta, pelos póros  
 A vida transsudando em lindos, louros  
 Vermes, em que se transfigura esqualida—

«Sublimes Prometheus encadeiados  
 N'um throno de rochedo, ao largo olhando,  
 E o pensamento em vôos desvairados  
 Glorias vãs da existencia reclamando !

«E eu tambem nasci, e enquanto queres,  
 Meu negro fio tece—ai! desconcerta  
 Teu manto vivo, que se andraja e esperta  
 Neste mysterio eterno!—*reverteris.*

«Lei dolorosa—Terra! terra! fora  
 Tua esta divindade: mas te vejo,  
 Brinco das mãos de um sol, que em mudo beijo  
 No teu berço de sombras te devora;

«E a mosca, o sabio, a virgem planta altiva,  
 Servindo nas delicias execradas,  
 Ó terra! umbroso e unico conviva,  
 Do banquete infinito! Degradadas

«São tuas criações: quando as consomes,  
 Nesse teu desespero revolvida  
 Como no proprio seio a fartar fomes,  
 Dize, não sentes fundo a dor da vida?—

«Mas, esqueço; me perco em meus pensares,  
 E eu não posso parar: a voz me brada  
 —Não é ahi tua pallida pousada!—  
 De toda a parte, de através dos mares,

«De através dos desertos. E que importa  
 A Ashavero acenar, negro de poeira,  
 Que suspirando passa e não aporta,  
 A rama de pacifica oliveira,

«Correr a fonte limpida? Entretanto,  
 Quero ainda, Senhor, ver sobre a terra  
 Os sóes que acompanhavam-me na serra,  
 Que eu já subi, que já *subimos* tanto!—

«E gottejam as lagrymas profundas,  
 Tambem a noite chora—

.....

Que amanheça!

Perfez-se da diabolica cabeça  
 A rotação sombria: as sombras mudas

«Movem-se nesse embalo flúctuoso  
 De seus mantos ethereos. Bellas brisas!  
 Assim se expande de innocencia e goso  
 O céu nascente de umas faces lisas.»



## CANTO SEGUNDO

### I

Os céus se opalam; em clarões de prata  
Beatifica luz pelo ar mimoso  
Dos nimbos d'alva exhala-se, tão grata  
Acariciando o coração gostoso!

Oh! doce enlevo! oh! bemaventurança!  
Paradiseas manhãs, riso dos céus!  
Innocencia do anor e da esperança  
Da natureza estremecida em Deus!

Visão celeste ! angelica encarnada  
 Co'a nitente humidez d'hombros de leite,  
 Onde encontra o amor brando deleite  
 E da infancia do tempo a hora foi náda !

A claridade augmenta, a onda deslisa,  
 Scintilla com o mais puro luzimento;  
 De purpura, de ouro a corôa se matiza  
 Do tropical formoso firmamento.

Qual um vaso de fina porcelana  
 Que de através o sol allumiasse,  
 Qual os relevos de pintura indiana  
 É o oriente do dia quando nasce.

Uma por uma todas se apagaram  
 As estrellas, tamanhas e tão vivas,  
 Como olhos que languidas captivas  
 Mal nutridas de amores abaixaram.

Aclaram-se as encostas viridantes  
 A espreguiçar-se a palma soberana,



Remonta a Deus a vida, á origem d'antes,  
Amiga e matinal, donde dimana.

Acorda a terra; as flores da alegria  
Abrem, fazem do leito de seus ramos  
Sua gloria infantil; alcyon em clamor  
Passa cantando sobre o cedro ao dia

Lindas lóas boyantes; o selvagem  
Cala-se, evoca d'outro tempo um sonho,  
E curvã a fronte. . . Deus, como é tristonhó  
Seu vulto sem porvir em pé na margem!

Talvez a amante, a filha haja descido,  
Como esse tronco, para sempre o rio.  
Elle abana a cabeça co'o sombrio  
Riso do astro da noite entristecido.

## II

Vagas eternas, se escondeis no seio

Alguma cousa que, de mim, procuro  
 Neste afan solitario e obscuro,  
 Embalançai, adormecei—já creio . .

Cante o nauta a partida na alvorada,  
 Retina á amarra o cabrestante oppresso,  
 Rujam chammas fornallhas abrazadas,  
 Erga-se e trema o carro do progresso!

E como o corvo taciturno vò  
 Atravessando o rio sobre o vento,  
 O vapor fumegando n'um momento  
 Rente á riba direita alveja a pròa.

Caminha ousado nas vermelhas rodas  
 Que espanejam ao longe: aos sons ruidentes,  
 Sáem da brenha ás alterosas bordas  
 E ficam olhando os Indios innocentes.

Já encobrio-se na primeira volta  
 O balcão idéal, onde suas fontes  
 Duas nações debruçam: não são montes,  
 É Tabatinga que o Imperio escolta.

Presidio imaginario! tacs aurora  
Miragens pinta por um céu de amores.  
Da terra, que se afasta e que descora,  
Ao movimento s'encobrio co'as flores.

Desço a corrente mais profunda e larga  
Que se ha visto rasgar de pranto a face  
Da terra de miserias; outra nasce  
Na dor dos homens, porém negra, amarga:

Quando, voltando dos festins culpados  
A alma vã, prostituta arrependida,  
Só traços da fortuna que é partida  
São, dos olhos que choram, encontrados;

Ou quando a que nasceu para ser nossa  
Vemos em braços d'outrem delirando;  
Ou meiga patria, esperançosa e moça,  
De seu tumulo ás bordas soluçando.

Gela na cordilheira, hartas costellas  
Descarnam as ribas, a corrente afoita  
Chamaloteia em ondas ledas, bellas,  
Amplas de sombras largas. Sobre a moita,

Nestas noites alvissimas de estio,  
Felizes nos desertos, encostada  
A montaria do Indio abandonada  
Na indolencia cantando desce o rio.

Esta é a região das bellas aves,  
Da borbolêta azul, dos reluzentes  
Insectos d'oiro, e as cantilenas suaves  
Das tardes de verão mornas e olentes;

A região formosa dos amores  
D'araçarana flor, por quem doudeia,  
Fulge ao sol o rubi dos beija-flores,  
E ao perfumado luar a ema vagueia.

## III

Ao longe as praias de crystal se espaçam,  
Vibrando a luz, e os bosques se emmarauham,  
Cabelleiras do vento que se assanham;  
As feitorias os seus tectos traçam.

São muitos arrayaes, nações diversas,  
São filhos do ocio, que ora despertaram  
Na ambição varia. (As multidões dispersas  
Do arráu medroso ás aguas se arrojaram.)

E volvem tumultuosas as areias,  
Esquadrinham, revolvem e amontôam,  
Com a sede dos que da terra as veias  
De suor não regam, vozes não entôam

Na socegada lavra, esperançosas  
Tangendo o boi do arado. O povo infante  
O coração ao estupro abre ignorante  
Como ás leis dos Christãos as mais formosas .

Mas o egoismo, a indiferença estendem  
 As éras do gentio; e dos passados  
 Perdendo a origem cara estes coitados,  
 Restos de um mundo, os dias tristes rendem.

..

Quanta degradação! Razão tiveram  
 Vendo, os filhos de Roma, todos barbaros  
 Os que na patria os olhos não ergueram,  
 Nem marcharam á sombra de seus lábaros.

O estrangeiro passa: que lhe importa  
 A magnolia murchar, se elle carece  
 Tão só de algumas flores? Anoi-tece  
 N'um somno afflicto a natureza morta!

Julgai do que dois seculos embrutecem --  
 E lá estão a dansar (que a mais não podem)  
 Porque lhes nasce o sol, porque lhes sobem  
 Puros raios nas veias -- me entristecem...

Que mentirosos genios predestinam,

Deus elemente ! . . . estes quadros do Amazonas,  
 Tanta miséria ao filho destas zonas  
 Onde em psalmos as aves matutinam !

\*\*

Mas, que dansas ! não são mais as da guerra,  
 Sacras dansas dos fortes, rodeiando  
 A fogueira que estala, e recitando  
 Os hymnos da victoria que inda aterra:

Quando os olhos altivos lhe não choram  
 Ao prisioneiro enmudecido aos gritos  
 Do vencedor, que insulta seus avitos  
 Manes que para além das Serras foram.

A voz das fontes celebrava amores,  
 As aves em fagueira direcção  
 Alevantando os vôos, trovadores  
 Cantavam a partir o coração !

Crepitante cauim gyrava ardente  
 E na gloria os guerreiros deliravam,

Solemne e vasto o circulo cadente  
 Onde valor os chefes assopravam

No sacro fumo, rebramando o espaço—  
 Oh, como eram selvagens esses gritos  
 Lá no meio da noite dos recitos,  
 Sombrio a balançar pendente o braço !

..

Selvagens—mas tão bellos, que se sente  
 Um barbaro prazer nessa memoria  
 Dos grandes tempos, recordando a historia  
 Dos formosos guerreiros reluzentes :

—Em cruentos festins, na vária festa  
 Ou léda caça no romper da aurora,  
 E á voz profunda que a ribeira chora  
 Enlanguecer, dormir saudosa sesta—

Selvagens, sim; porém tendo uma crença,  
 De erros ou boa, acreditando nella:



Hoje se riem com fatal descrença  
E a luz apagam de tupana-estrella.

## IV

Destino das nações ! um povo erguido  
Dos virgens seios desta natureza,  
Antes de haver coberto da nudeza  
O cinto e o coração, foi destruido:

E nem pelos combates tão feridos  
Ou sanguinarias, barbaras usanças;  
Por esta religião falsa d'esperanças  
Nos apóstolos seus, falsos, mentidos.

Ai ! vinde vêr a transição dolente  
Do passado ao porvir, neste presente !  
Vinde vêr do Amazonas o thesouro,  
A onda vasta, os grandes valles de ouro !

Immensa solidão vedada ao mundo,  
Nas chammas do equador, longe da luz !

Donde fugio o tabernac'lo immundo,  
 Mas onde inda não abre o braço a cruz!

.....

Vejo, oppresso de um máu presentimento,  
 A lanterna, os quatro olhos á noitinha  
 Fazendo esgares funebres, sozinha  
 Da verga a olhar e a se mover com o vento...

Olá! que apaguem! temos bellos astros  
 Que os caminhos alvejam sobre o rio,  
 É vigilante o pratico gentio,  
 E falam rodas pela luz dos mastros!

.....

Abalroam a noite sonora  
 Longas vozes, ondeando nas soidões;  
 Resôa a margem taciturna, umbrosa  
 De alvoradas cantadas nos serões.

Amava o Guesa Errante esses cantares  
Longínquos a deshoras nas aldeias,  
Se aproximava, triste, dos lógares  
Tão saudosos—«Saltemos nas areias...

«Porém, que é isto?! Peste! que descoras,  
Corrompes d'alma o instinto, que os perfumes  
Alegram, divinizam sobre os cumes  
Das tréscalantes flores destas horas!—

«E eu vi, longe daqui, a morte o seio  
Da familia feliz despedaçando,  
Rotos os laços do mais puro enleio,  
E a virtude, a belleza soluçando.

«O silencio caiu, fez-se a tapéra  
Na Concordia dos cantos e os amores—  
Magalhães, Magalhães, na primavera  
Partiste— e em teus jardins já murcham flores...»

## V

Na matta de mil annos o crescente,  
Como errante caipóra que divaga

Pelas sombras dos troncos, docemente  
Seus infantes clarões recolhe e apaga.

Ardem os fogos no areial de milhas  
E ondulam nos ares, espalhados  
Por entre acervos d'ovos, e as vasilhas  
Em que aos raios do sol são depurados.

Vão e vem os caboclos vagabundos,  
Bebados riem-se diante das fogueiras  
Ou balançam-se em lubricas maquêras  
Nestes odores podres-nauseabundos.

Penetremos aqui nesta barraca—  
Da candeia d'argilla unta luz morta  
Través da nuvem de poeira opaca  
As claridades lobregas aborta.

Ora o Guesa, que sempre se sentia  
Revestido do *signo*, e sem do insano  
Zenon ser filho, então lhe acontecia,  
Deixar o manto ethereo e ser humano.

Elle attendeu. Mas, breve, lobrigando  
 Das armas e do altar a melhor gente,  
 Foi levado da electrica corrente,  
 Flor de lotus ante ella reluctando—

E lá perdeu-se no pegão-pampeiro  
 Quando os Indios mais vários doidejavam,  
 E este canto veridico e grosseiro  
 Em toada monotona alternavam:

(MUCRANA.)

«Os primeiros fizeram  
 As escravas de nós,  
 Nossas filhas roubávam,  
 Logravam  
 E vendiam após.

(TECUNA.)

«Carimbavam-lhe as faces  
 Bocetadas em flor,  
 Altos seios carnudos,

Pontudos,  
Onde ha sestas de amor.

(MURA.)

«Por gentiã mocãtona  
El-rei dava *pro-rata*,  
Ou a sãia de chita  
Bonita  
Ou o valor em prata.

(TUPINAMBÁ.)

«Currupiras os cancem  
Nos caminhos abertos,  
Parinthins orelhudos,  
Trombudos,  
Feio horror dos desertos !

(COBO DOS INDIOS.)

«Mas os tempos mudaram,  
Não se anda mais nú:

Hoje o padre que folga,  
 Que empolga,  
 Vein comnosco ao tatú.»

Do agudo ao grave o mémichió destôa  
 Com frei Neptuno entrando ventania;  
 E, macaca veloz, Maccù-Sophia,  
 Medindo-lhe o capuz, de um salto vôa:

E lá vão! e lá vão! Perniãs e braços  
 A *revirar* Maccú, que solavancos  
 Que o frade leva aos trancos e barrancos  
 Entre applausos geraes, palmas, fracassos!

Olhem o vigario! a face da Tecuna  
 Com suas mãos carinhosas afagando:—  
 Oh! como a vestia santa ruge e enfuna  
 Na evolução lasciva desfraldando!

Uma torceu o pé e está sentada  
 Junto á candeia, e canta o seu propheta;  
 Outra enlaça-se ao Guesa, arrebatada  
 Em scintillantes voltas como a setta.

(FREI NEPTUNO ENTRANDO.)

«*Introibo*, senhoras,  
 Templos meus, minhas flores!  
 São-vos olhos quebrados,  
     Damnados  
 Nesta noite de amores!

(PADRE CELSO RESPONDENDO.)

«*Indorum libertatē*  
*Salva*, ferva o cauim,  
 Que nas veias titilla,  
     Scintilla  
 No prazer do festim!

(CORO DAS INDIAS.)

«Teçamos a grinalda  
 Às cabeças de lua!  
 —Oacca! yaci-tatá,  
     Yrá-tatá—  
 Glorias da carne crua!



(VELHO UMÁUA.)

«Senhor padre corôado,  
Faça roda com todas:  
A catinga já fede,  
Já pede—  
Suçuaranas'stão doudas!

(FREI NEPTUNO.)

«Quero o fogo assanhado  
Das Indias sem-vergonhas,  
Que não coram de pejo.  
N'um beijo  
Nem nas dansas medonhas !

(PADRE CELSO RESPONDENDO.)

«Amo a baba risonha  
Da formosa loucura,  
Mais que o sangue que trava,  
Que lava  
Plumbeo pé de gordura!

(A QUE TORCEU O PÉ.)

«Geme em Venezuela  
 Alexandre-Sumé;  
 Voz dos ermos andando,  
 Ensinando;  
 Era um canto de fé.

(NOVO CORO ENTERNECENDO.)

«Nos rochedos ululam  
 Na sãção dos cajús  
 Amazonas—fagueiros  
 Guerreiros  
 Vão pintados e nós...

(QUEBA.)

«Eu nasci no deserto,  
 Sob o sol do equador:  
 As saudades do mundo,  
 Do mundo—  
 (Rodando.) Diabos levem a dor!»

.....

Das guardas nacionaes os commandantes,  
O nobre esclavocrata, que é barão,  
E os poetas do amor, mimos de amantes,  
Ali rendiam preitos á funcção.

Abria azas o juiz do Sorimáua  
Às donzellinhas não *apresentadas*:  
Como pois, ao signal que deu Tucháua,  
A amor fugirem tão amedrontadas!

Dá fóra um promotor republicano  
Vil caissuma aos mutuns e jacamins,  
Que se elevam gritando n'um insano  
Desnor-teado saltar, mas nobres fins. —

E a multidão apinha-se ao emtorno  
Amostrando as cabeças nos ubis,  
Range abalado o fumarento forno,  
A algazarra infernal tóca os zêniths!

(VELHO TÁCA.)

«Graciosas potiras,  
 Fugam Jurupari  
 Tão malino ! suas festas  
 São estas  
 E preside ao hurari.

(VATR D'EGAN.)

«Pac Humboldt o bebe  
 Com piedoso sorrir;  
 Mas, se hervada taquara  
 Dispara,  
 Cae tremendo o tapir.

(POLITICO.)

(*Fora.*) «Viva, povo, a republica  
 De Colombo feliz !  
 (*Dentro.*) Cadellinha querida,  
 Rendida,  
 Sou monarcha-juiz ! . . .

(UM DELEGADÓ EM SCISMAS.)

«Reina a paz em Varsovia;  
 Mas, se a guerra chegar,  
 Recrutamos arráus,  
     Picapaus,  
 Quando a luz se apagar. . .

«Hade o mundo curvar-se  
 Ante a trina razão:  
 —Sol fecundo p'r'as palmas,  
     P'r'as almas  
 Jesus-Christo e Platão—

(MAJOR JONATHAS.)

«Ora . . . . acacias recendam,  
 Meia noite dormente!  
 Grita o gallo da serra,  
     Lá berra  
 Sapo-boi na corrente!

(MUNDUCCU.)

«Coitadinha Banhua,  
Novo cactus de amor,  
Chora aos brados da festa  
Molesta  
Seu noivado de dor.

BANHUA.)

«Lá na foz do Madeira  
Os velhinhos são réus,  
Toda a taba cantando,  
Dansando  
E alvejando tropheus. . .

CORO DAS CARICAS.)

«Escanchada nos galhos  
A Maccú dorme agora,  
Porque os sonhos das flores  
Amores  
Lhe despertem na aurora.

(EM ÁGUA A GRANDES BRADOS.)

«Sonhos, flores ou fructos,  
 Chammas do urucari—  
 Já se fez cáe-á-ré,  
 Jacaré—  
 Viva Juruparí! . . . »

.....

Canicular delirio ! paroxysmos  
 Do amazoneo sarau !—pūlavam, suavam,  
 Na cintura phantastica brandiavam  
 Como á magnetisação ante os abysmos !

E se contorce o Satyro e se alteia  
 Com tangeres finaes, na india avena  
 Carpindo a se finar, e dansa e acena  
 De amor, vampiro em volta dá candeia:

Dissolução do inferno em movimento!  
 Como as fozes, mugindo as aguas bellas,

Volvem-se em laivas negras e amarellas,  
Despojos de onça. Foi um só momento:

«Viva Jurupari!» Tem-se apagado  
A luz, e fez-se a treva. Então se escuta,  
No volume da sombra em que se occulta,  
Gemer, fugar o escandalo espocado.

Porque a voz ao amor está sujeita,  
E é lei por uso do *tatuturema*  
Que, onde poz-se a mão, a presa feita,  
Ninguem se fuja ou se conheça ou tema.

Então-- então praticam-se do incesto  
Os mais lionilios, mais brutaes horrores!  
Como a repercussão no imperio infesto  
Dos da Côte *anthropophagos* amores.—

Quebre-se a corda que taes sons ferio.  
—E deixo o meu assumpto depravado:  
Que me desculpem o triste recitado  
Do que ás bordas se vê do grande rio.



Os derradeiros fogos do occidente  
Jorram laminas d'oiro sobre a massa  
Da viva treva, liquida, luzente—  
O Rio-negro sussurando passa.

Em luzeiros rebenta a espuma errante  
Qual moutas de rubis por sobre as cristas  
Negras da vaga tremula, oscillante,  
Vistoso kanitar de mil conquistas.

É meigo e doce o olhar, meiga a saudade  
Que, do throno de sombras vaporosas  
Dos altos montes e as ethereas rosas,  
Contemplativa nos despede a tarde.

De collina em collina a cachoeira,  
Como serpente de coral ruidosa  
Desce ao valle, onde a tribu já repousa  
Livre em seios de mãe hospitaleira.

As filhas de Manãos seus membros leves  
Na onda estão, convulsos, bronzeados  
À luz violácea dos crepúsculos breves,  
Ondulando com os peixes esmaltados:

Ledas lá vão batendo em roda a vaga  
E cantando em seus jogos innocentes.  
—Dansaram á flor da abençoada plaga;  
Voltaram ás choças da montanha ausentes.

Oh! como as noites de Manãos são tristes  
Às scismas na soidão dos infelizes!  
Quando tu, esperança, não existes  
Com teu bello horizonte de matizes,

Saudade minha. . . -- Estão pela ribeira  
Densa os Indios fogueiras accendendo;  
Ruge ao lado, dos gremios da palmeira  
A rã selvagem, maracá tremendo

Das mãos d'ignoto piága ali detido  
 Ante os destinos de sua tribu, extincta  
 Ao contacto do egoismo, com o gemido  
 Que o innocente geme, e a dor lhe pinta.

## VII

Não é a cobra, que descendo estronda,  
 Ou da agua o genio, que do Solimões  
 Para o Branco dirija-se, suas ondas  
 Percorrendo—pavor dos corações—

Falam do rio... como voz das chammas  
 De uns labios, que beijar sua patria areia  
 Vem a deshoras... candida seréya,  
 Quão formosas memorias não reclamas!

Talvez de Ajuricaba a sombra amada  
 Que vem, deixando os tumulós do rio,  
 Nas énderchas da vaga soluçada  
 Gemer ao vento dos desertos frio:

Onça exacta, erma planta do terreiro,  
 Que inda acorda a bater os arredores  
 Ao repouso da noite do guerreiro,  
 Noite donde não mais surgem albores.

Talvez Lobo-d'Almada, o virtuoso  
 Cidadão, que esta patria tanto amara,  
 A chorar, das reliquias vergonhoso  
 Que a ingratição ás trevas dispersara:

Foi a queda do cedro da floresta  
 Que faz nos céus o vácuo para as avés,  
 Que não encontram na folhagem mesta  
 Dos perfumes os ninhos ineffaveis.—

Ouçamos... o fervor de extranha prece  
 Que no silencio a natureza imita  
 De nossos corações... quem palpita,  
 Além suspira, e no amor florece..

Porque eu venho, do mundo fugitivo,  
 No deserto escutar a voz da terra:  
 —Eu sou como este lirio, triste, esquivo,  
 Como esta brisa que nos ares erra.

# POESIAS DIVERSAS.



CRESCENTE.

Grata estação dos amores,  
Abrigo dos que o não tem.  
G. DIAS.

Doce brisa suspirando,  
Trêmem osseios do horizonte;  
Pela alva noite captando  
Acordam, de quando em quando,  
As aves, de monte em monte.

Noiva de tantos amores,  
Que tens tão limpido véu!

Abre-o por estes pendores  
Recamados de verdores  
Fulgindo orvalhos do céu,  
Noiva de tantos amores,  
Que tens tão limpido véu!

À luz tua adamantina  
Se enternece o coração  
Da virgem, que inda menina  
Para os amores se inclina  
Por innocente afeição:

É das sombras do arvoredó  
Realça o violão do amante;  
Aprende a noite o segredo,  
Que mal entenderá a medo,  
Suspirando a bella infante.  
E das sombras do arvoredó  
Realça o violão do amante.

Lá do teu nimbo azulado  
Nos mansos ares velando,  
Como um pensamento alado



Na immensidade arrojado,  
Os pés do Throno beijando,

Tu nos desertos conduzes  
A leda tropa a cantar  
Por que noites! Com que luzes  
De imagens tu não seduzes  
Meigo o perdido a scismar!  
Tu nos desertos conduzes  
A leda tropa a cantar.

Com teus nitentes candores,  
Alva açucena do céu,  
Enfeitiçando-se as flores  
Puras nos sônhos de olores,  
Vestem teu limpido véu;

E' com a branda claridade  
Pendida a fronte se eleva;  
Teus raios fazem saudade,  
Intima e doce a amizade,  
Linda de enlevos a treva.  
E com a branda claridade  
Pendida a fronte se eleva.

Sobre a prata da corrente,  
Concha encantada do mar,  
Teu semblante transparente  
Vai da patria o que anda ausente  
Mui saudoso contemplar:

Nos espelhos reflectidos,  
Da luz no immenso fulgor,  
Torna a ver dos céus perdidos  
Os grandes astros luzidos  
Dos grandes dias do amor;  
Nos espelhos reflectidos,  
Da luz no immenso fulgor.

Bella corôa, astro fagueiro,  
Deusa da alma atribulada,  
Vôa aos braços do cruzeiro,  
Solto o manto dos luzeiros  
De setembro, ó doce ámada!

Eu aprendi a adorar-te  
Das aguas no isolamento,  
A querer-te, a namorar-te,

A ter ciumes de Marte,  
Que eu vejó n'este momento—  
Como aprendi a adorar-te  
Das aguas no isolamento !



LILIUM CONVALLIUM.

Tem mel no aroma, dor

Na cor,

O lirio.

GARRETT.

Deus ! como é bella esta terra !

Que saudade nos cantores !

Que de aromas nos vapores

D'entre o crepusculo e o luar !

Que sentir tão delicioso

Neste enlevo de pureza—

Nos seios da natureza

Tão alvo lirio a' brilhar !

Innocente dos amores,  
Meiga flor; candido lirio,  
Que tão piedoso martyrio  
Levantas no coração:  
Porque na alvura sem mancha,  
Nesta infantina alegria,  
Por feiticeira harmonia  
Inspiras tu compaixão?

Ai! açucena dos campos,  
Doce afagada menina  
Tão contente da tua sina,  
Tão longe e alheia do mal,  
Porque? -- Mimosa dos risos,  
És semelhante ao suspiro,  
Que se perde no retiro  
Como te inclinas no val.

AVE-MARIA.

—'t is the hour of love!

BYRON.

Enamorado enlevo  
Da saudade maviosa diffundida  
Na solidão dos montes,  
Na pallidez morena enternecida  
Dos ermos horizontes !

Emmudecendo aquieta-se  
A menina, interrompe os seus brinquedos,

Quando na ermida escuta  
*D'ave-Maria* os sons piedoso-ledos  
 Com que a campa nuta.

E, lírio perfumado,  
 As mãozinhas juntando á face bella,  
 Rêligiosa a inclina,  
 Eulevados os olhos para a estrella,  
 Sua imagem divina.

Tremem-lhe os puros labios  
 Na prece virginal --ouve-a, meu Deus!  
 Porque ella é sozinha  
 Na terra, porque são os minnos teus  
 A candida orphãzinha.

Com risonha meiguice  
 Está contente, qual se Deus a ouvira;  
 Beija a materna mão,  
 Retouça no hombro amado, olha, suspira  
 Olhando a solidão.



Crepusculo sombrio,  
Da natureza alma contemplada  
Nos espelhos dos mares,  
No semblante da virgem namorada  
Prolongando os olhares.



CARMEN.

*Nous voguions en silence.*

LAMARTINE.

.....  
E pois que me ouves, cala  
A tanta dor amarga,  
Que prende, morde e larga  
Nossa alma no deserto.  
Aqui, perdido, incerto,  
A vida se me exhala  
Como este mar, que estala  
Na prôa do escaler:  
Mas, como as ondas correm,

Se os dias vão-se e morrem,  
Escuta e crê, mulher:

Não choro as lindas luas  
Do Rio-de-Janeiro  
Nas sombras alvas, nuas  
Nos valles e no outeiro...  
Oh! como eram suaves  
Alli nas espessuras  
O doce amor das aves,  
A flor das hervas puras,  
E o vento os meus cabellos  
Volvendo aos vôos bellos!

Um dia em Guanabara  
Scismando, em meu rochedo,  
A noite muito cedo  
Em mim se repassara...  
Oh! meus amores!... Quando  
As luzes scintillando  
Vieram do nascente,  
Em vão, passasse a gente,  
Que a sombra não achara.

Deixei as minhas rosas  
E as praias arenosas,  
Té hoje por aqui —  
E lembram-me essas cousas,  
Como alvas mariposas  
Voassem dentro em mi.



FLOR DAS RUINAS.

Eram as tristes ruínas  
De uma cidade deserta  
E uma rosa branca, branca  
Nessas ruínas aberta.

O cansado viandante  
Parava no fim do dia,  
Em torno olhava os destroços,  
E a flor olhando, dizia:

«Sempre cresceis nestes climas,  
Anjos da benção dos céus,

Que luzes sois na agonia,  
Risos no exilio dos réus.

«Sois as bellas peregrinas  
Visões de sombrio olhar,  
Cuja fronte se illumina  
Como as espumas do mar;

«Cujos cabellos escuros  
Ondulados na alva mão  
Scintillas vibram de luzes  
Como os raios do verão.

«Habitante enamorada  
Destes ermos a alvejar,  
Deixa que eu vá meu caminho  
Emquanto aclara o luar.

«—E fugir não sei do encanto,  
Das alvas sombras da flor—  
Tumulos meus, tão formosos!  
Mortas, que matam de amor!



«Quem deu-vos, flor dolorosa,  
Falar assim de paixão  
Nessa magia do gelo,  
Co'a frieza e a seducção?

«Nessa *implacável* brancura,  
Que á mente o siso arrebatá,  
Que amor inspira e condemna,  
Que é Deus, que cria e que mata?!»

Porém, longe o viandante,  
Se inda a flor das ruínas vê,  
De amor tamanho delira,  
Que já perdido se crê.

Pois como a cinza alvejante  
No seio a braza sepulta,  
E como dentro das sombras  
O lume eterno se occulta,

São da *imagem*, que eucerramos  
Na alma, a alyura da flor  
E as sombras, que se derramam  
Dos olhos cheios de amor.



MARIA.

Onde foram os encantos divinos,  
Onde a crença de eterna magia,  
Fonte meiga da luz e dos hymnos,  
Onde estás? onde foste, Maria?

Tens a fronte que tinhas na infancia,  
Pura e branca, inda toda harmonia:  
Mas, da bella innocencia a fragrancia . . .  
Onde estás? onde foste, Maria?

Ter em ti eu pensava encontrado  
Meu sublime ideal da poesia;

Encontrei a mulher em seu fado —  
 Onde estás? onde foste, Maria?

Se hoje choro, aos que estavam descrentes  
 Já mostrei meu amor na alegria:  
 Terno orgulho dos dias contentes,  
 Onde estás? onde foste, Maria?

Onde foste? onde foste?—procuro  
 O que na alma cantando te ouvia,  
 E já temo de ouvir-te—e murmuro:  
 Onde estás? onde foste, Maria?

Onde foram os divinos encantos,  
 Onde o mundo em que eu d'antes vivia?  
 Porque a fonte do riso é dos prantos?  
 Onde estás? onde foste, Maria?

DONDE VENS?

Gloria dos olhos, dor dos corações.

LUZIADAS.

Donde vens, triste formosa,  
Que eu vejo sempre a me olhar?  
Eu amei outr'ora . . . uns olhos  
Que assim paravam a amar . . .  
Volta a quem deste os incantos,  
Que eu volto às ondas do mar.  
—Choras?—tem, oh Deus, piedade  
Desta mulher a chorar!

Como estás! onde perdeste  
Os mimos de tanto amor?

Em sonhos eu te tomara  
 Por uma estatua da dor.  
 Tinhas mais brilho e mais graças  
 E mais perfumes que a flor:  
 --Quem desbotou-te estas rosas?  
 Quem consumio-te o fulgor?

Eu chorei, quando te rias;  
 Choras hoje, e não me rio . .  
 Para esquecer-te eu voava  
 Aos gôlfos do mar sombrio!  
 Todos me viram—passando  
 Solitario como o rio,  
 Como o vento quando geme  
 Pelas roseiras do estio!

Tudo em vão! Tinha os teus olhos  
 Aqui nas chagas da dor!  
 Tinha-os n'alma, onde raiavam  
 Como um sol abrazador!  
 Me fascinavam no abysmo  
 De vivo negro esplendor,  
 Vibravam sobre os meus dias  
 Raios do inferno e do amor!

Longa foi-me a vida, longa,  
Emquanto a morte eu busquei.  
Depois, mudando o destino,  
Um céu na terra encontrei,  
Onde rostos peregrinos,  
E, sem ser escravo, amei.  
—Se então chorando me viram . .  
Pranto de amores chorei.





TARDES NA ILHA.

A terra conheceis ?

Onde as flores estão sempre brotando,

Onde como as suas rosas da grinalda

São tão doces as virgens, onde tudo,

Salvo o espirito do homem, é divino ?

É a terra do Sol.

BYRON.

Cantam vozes d'entorno da ilha  
Aos rumores do mar a quebrar-se;  
Vão-se as mães acercando da filha  
Linda e nua na praia a banhar-se. ..

Nas janellas, ao longe alvejantes  
Já s'encurvam, s'enlaçam, se alteiam

De alvos cysnes os collos brilhantes,  
O olhar negro, os cabellos que ondeiam.

E com as sombras da tarde saudosas  
Mais langores dos olhos derramam,  
Mais entuneem-se os seios de rosas,  
Mais as rosas dos seios s'inflamam.

Nesta ilha á chimera dos sonhos  
Quem sua vida passar não sentio,  
Se a menina dos olhos risonhos,  
Como a aurora corando, fugio ?

Quem ha hi que na lyra de Apollo,  
Na aurea patria do vento e da luz,  
Lhe não teça grinaldas ao collo  
Da ave-amor, que a serpente seduz?

São da tarde madeixas a brisa,  
Que se enleia aos perfumes da flor,  
Como a presa que ri-se e deslisa  
Dentre os braços do terno amador.

Cáe a noite. Ás estrellas doiradas  
Geme o piano com um doce gemer,  
Cordas d'alma á mãozinha de fadas  
Como sobre um destino a correr.

Abrem flores, quaes 'sonhos, recendem  
Se inclinando e sorrindo no ar,  
Como virgens que a amores se rendem  
Por seraphico e bello luar.

E quem ha que da lua aos enlevos  
Nesta ilha não sinta de amor  
Alma a abrir-se, ou peşares mais sévos  
A romperem-lhe as chagas da dor?

Cantam nautas no seio das vagas,  
Rumorejam as brisas na flor,  
Gira a voz de harmonias tão mágas—  
Oh ! quem ha que o não sinta de amor?



MADEMOISELLE.

Rien de plus beau que Paris!

PROVERBIO.

Fujamos, vida minha, riso da minha terra,  
Astro do meu levante, lirio da negra serra!  
Tu és a doce imagem de azues formosos olhos  
Vinda do mar das luzes á plaga dos abrolhos  
Trazer muita esperança, muita consolação!  
Virgem, do undoso Sena á margem vicejante  
Crescida qual violeta, brincada qual a errante  
Formosa borboleta das flores na estação!

Partamos para Auteuil, é lá que vivo agora:  
Vé como o dia é bello! allí ha sempre aurora

Nas sombras do arvoredo dos bosques de Bolouha.  
 Paris é tão ruidosa! Paris delira e sonha  
 O que lá realisa voluptuar de amor—  
 Lá onde dorme a noite e acorda a natureza,  
 Reluz a flor na calma e os hymnos da devesa  
 Echoam dentro d'alma com mais pungido ardor.

Tu nunca foste ao jogo das aguas em Versailles?  
 Ha hoje, vamos... lá, palacios e convalles  
 Do rei Luiz-quatorze recordam a grande cõrte:  
 Maria Antonietta alli previa a sorte  
 Dos seus cabellos d'ouro fluctnando na *bergère*—  
 Dirás quando voltares, contando muita cousa,  
 Prazer de velhos pais—que viste a bella esposa  
 Das feras! com os chacaes dansando La Barrère!

Partamos! *concierges*, costurás abandona;  
 Deixa o hotel por hoje, que eu—deixo a Sorbona.  
 Corramos fugitivos, contentes passarinhos,  
 Perdidos de hora em hora na moita dos *ganinhos*,  
 Até á verde e linda *villa Montmorency*:  
 Dalli, és minha prima andando séria e grave,  
 Entramos no portão; eu dou-te a minha chave  
 E sobes, meu condão, ao quarto alvo e *joli*.

Hesitas? se antes queres, sigamos outra via;  
Do trem que vai partir a válvula assobia,  
O povo se accumula, ninguem pode aqui ver-nos,  
Fujamos para o céu! que fosse p'r'os infernos  
Contigo—«Sim»—Não deixes estar teu seio nú..  
Ha gente no wagon.. sou furia do ciume...  
Desdobra o véu no rosto... teus olhos tem tal lume...  
Tinhamos, era agosto, partido p'ra Saint Cloud.





DESERTO.

Na balança de ouro dos destinos o dia  
fatal de Hécctor pendeu para os infernos,  
e Phebo-Apollo o abandonou.

ILIADA.

Se és, ó beija-flor,  
O genio dos logares  
Por onde amei de amor—  
Vôa aos mimosos ares!

Deus salve! as brisas bellas  
Somente hoje ficaram,  
E as flores amarellas  
Que o leito nos formaram:

E as calmas do deserto.  
E a triste solidão,  
Onde de dor aberto  
Sente-se o coração.

Estavam allí as festas  
E a voz do meu amor;  
Agora as mudas sestras  
De um sol desolador.

A alma o pressentia  
Quando, na luz brilhante,  
A fronte entristecia  
Ao doce olhar da amante:

Porque meiga tristeza  
Está no amor profundo,  
Na luz da natureza,  
No florescer do mundo.

Oh ! não desprezes nunca  
As ruínas do passado !

—Esta corrente adunca,  
Este casal deixado,

Onde o vago rumor,  
Onde as saudades choram,  
Já o paraiso foram,  
Foram o primeiro amor.



LEILA.

Eu adoro a menina em verdes annos ,  
Na gentil primavera dos amores,  
Boyando os doces olhos soberanos  
Da limpidez da vida nos albores.

Oh ! formosa estação da flor que aponta !  
Seiçs que nascem ! coração que acorda!  
— Das lyras de esmeralda afina a corda  
A poesia da luz, que á luz remonta !

Ella tinha dez annos, e tem treze;  
É mais sisuda e grave em seus amores;

Adoro-a quando brinca, e que me pezo,  
Se ella das outras some-se entre flores...

«Ô Leila! Leila!» as companheiras gritam,  
E ella volta a correr; e espantadiça,  
Arde-lhe a face, os seiôs lhe palpitam,  
E os desejos mais bella ateia, atica!

Erra Leila os brinquedos; se se esconde,  
Retarda-se nas moitas mais que todas;  
Fica tão distrahida, andando ás rodas,  
Que podem a chamar, que não responde.

Récosta-se á janella, olhando a lua,  
Ou seguindo na relva as veias d'agua;  
Diz que a rolinha imita a magua sua,  
Como se Leila já tivesse magua...

Tinha apenas dez annos; treze agora,  
Se ella põe-se a contar, logo entristece:  
Que no amor haja dor, mesmo na aurora,  
Só pensar nestas cousas endoidece.

MORTA DE AMOR.

Eu venho visitar-te  
Aqui na sepultura. . .  
Rosa, que são dos dias  
De tua formosura?

Tu eras como o astro  
Fulgente das manhãs,  
A flor mais doce e linda  
Do teu jardim de irmãs.

Amores te acabaram,  
Mimos da mocidade. . .

E venho hoje trazer-te  
Prantos d'esta saudade.

Ha quanto, quanto tempo  
A terra te consome!  
E sobre ella não ouço  
Ninguem dizer teu nome . . .

Ai! dorme, dorme, n'alma  
Eu tenho a imagem tua;  
Da tua flor perfumes,  
Aragens d'esta lua!

E quando, vindo a aurora,  
Tambem eu descansar,  
Iremos ante os anjos  
Os pés de Deus beijar.



CREPUSCULARES.

Ao mar alto vogai, marinheiros,  
Aos abysmos levai-me do mar,  
Onde, os céus apagando os luzeiros,  
Só se escute a procellá roncar !

.....,

Quando o sol para os seios se inclina  
Da alva tarde, este amor, que se sente,  
Dos rochedos sombria menina  
Canta na harpa da umbrosa corrente.

Seus cabellos no ar se espalhando,  
 Fundo enlevo derramam nesta hora;  
 Vozes se houven da patria falando—  
 Na alma o pranto, o semblante descora.

Dos maiores as sombras nos passam,  
 Sobre os lumes da vaga sombria,  
 Plumbeas fôrmas que sonhos nos traçam  
 Do passado, onde é tudo harmonia.

Canta o anjo dos altos rochedos  
 Do crepusculo ás sombras algentes,  
 Canta na harpa a saudade, os segredos  
 Que além morrem no umbror das correntes.

## II

«Os dias formosos do amor se passaram,  
 Perderam-se affectos do teu coração:  
 Teus olhos, que ardentes meus labios beijaram,  
 Adeus, que os teus olhos não mais me verão!

«Nas sombras fagueiras que a tarde enamoram,  
Nos fulgidos raios de um céu puro e meu,  
Nas vozes errantes que á noite primoram  
Sonhava o meu sonho, que foi tambem teu.

«Encanto de luzes . . . Perdida essa gloria,  
Se hei tudo perdido no mundo por ti,  
Eu venho com a tarde, com a triste memoria  
Dos doces encantos, dos bens que perdi.»

## III

Genio agora das noites dos ástros,  
No deserto dos ventos cheguei:  
Triste corôa de murchos ennaistros  
Só trazendo, de tudo que amei.

Ermo e longe da esp'rança e do mundo,  
Na alma eu sinto as tormentas do amor,  
Que os vaivens do oceano profundo  
Não venceram, e mais deram-me a dor!

Fascinado da aurora nos risos,  
Meus sombrios encantos logrei. . .  
Os anneis dos cabellos mais lisos  
Nos meus dedos brincando quebrei.

Genio impuro das noites dos astros,  
• Ora estou como o abysmo do mar,  
Tendo a corôa de murchos ennastros,  
E o amor sempre n'alma a bradar !

LIMBOS.

—Mas, o esquecimento poderia vir  
por um destino melhor...

PINDARO.

No ermo dos mortos  
Quem for passeiando  
E houver meditando  
De á noite parar,  
Verá que se escutam  
Trazidos nos ventos  
Os doces accentos  
De um triste penar.

Se a noite for bella,  
Se a lua for clara,  
Que a noite juncara  
De flores o chão,  
Verá, como um sonho,  
Nas luzes dos ares  
Levado aos luares  
O infante pagão.

Nos raios da lua  
Se apegá o menino,  
Tão puro e franzino  
De ethereo matiz!  
Nos brandos perfumes,  
Nas camas de aragem  
Reclina a imagem  
Tristonha e feliz.

Se embala, se embala,  
Tão leve, tão leve,  
Quem berços não teve  
No collo do amor!  
Quem foi neste mundo  
Maldito da sorte,

Nos braços da morte,  
Da vida no albor !

Compraz-se brincando  
Nos raios brilhantes  
—Do céu de diamantes  
Às flores do val—  
Porém, se uma nuvem  
A lua escurece,  
Do ar se esvaece  
N'um grito fatal !

Seus lábios não viram  
As meigas delicias,  
Que tem as caricias  
De uns lábios de mãe.  
Seus olhos risonhos,  
Que á noite reluzem  
De azues, não seduzem  
Os olhos de um pai.





RECITATIVO.

Que vens a fronte com gentis desejos  
Cobrir de beijos, que não são mais teus?  
Que vens trazer ao trovador que sonha,  
Dos céus risonha, lindo amor de Deus?

Flores—as flores da querida infancia—  
Sinto a fragrancia dos jardins do amor!  
Troca-as, formosa, pela dos martyrios  
Corôa de cirios de mortal pallor.

Oh, nunca venhas acordar-me est'alma,  
Onde eras palma e seductora luz!

Oh, antes, vem—meus sonhos acalenta,  
Meu passo alenta—e ao Calvario a cruz!

Vem! porque á noite, quando corre o pranto,  
É doce o encanto do arraiar do albor.  
Volta amanhã... se tu voltares hoje...  
Não voltes—foge, que inda sinto amor!

ESTANCIAS.

Quando, ó bella saudosa, a sós pensardes  
Que sou longe, bem longe:  
Escutai a vossa alma,  
Onde existo vereis, senhora minha.

Porém, se a medo tremem vossos labios  
N'outros ouvidos—sim—  
Se do amor os delirios,  
Nas festas da alma o coração traindo,  
Com fogo traçam nelle phrases mysticas,  
Que só depois as dores interpretam  
Longe da esp'rança...

Ante a imaginação meus sonhos erram,  
    Como no espaço às nuvens;  
E o Rio-negro n'um tormento ondula  
    Vos levando o meu nome.

Existo — me acompanha a imagem vossa,  
    E do amor esta imagem—  
Como o iris das noites eclipsado  
    Na paixão solitaria.

Podesse a noite, da felicidade  
    Esquecer as auroras. .  
Oh! meu preságo coração presinto,  
    Eu devera esquecer-vos!

Surda, surda aos reclamos de vossa alina  
Heis de aos pés esmagar o meu retrato  
    —Pallida, em risos,  
    E enlouquecer depois—  
No vasio implacavel, nesse inferno  
    Que sussurrando fica  
Do que passou-se, e do que ser devera.

Então é que se sente o que há de amargo,  
 Senhora, em procurar-se uma alegria  
 A todo preço de viver n'um baile,  
 Nos saraus do noivado, o pensamento  
 Vem pungir!—não se envolve nos prazeres  
 O coração que pende.

Então choram-se os prantos desolados  
 Da perdida esperança.  
 E tarde, tardé a sonhadora ha visto  
 Que mente o peito, que os sorrisos mentem  
 Á candidez dos anjos.

.....

Guarda a crença formosa,  
 A doce crença com que os nossos olhos  
 Do altar dos mares riam-se ás estrellas—  
 Com que em um dia. . . lembram-te essas cousas?  
 Crês como outr'ora? . . .

Que não n'a vendam ! que não haja um oiro

Que a vá comprar !.

—Porém, que triste noite,

Donde auroras não raiam, donde luzes

Dentre montes de rosas e de arómas

Já não trazem amor !

Mas, não, não ha fugir-nos

Quando o Oceano, a Natureza, o Eterno

De tudo sabem !

A nós nos amostraram, e nós nos vimos

Em seus seios sonoros embalados.

VOAR.

Qual vôa o negro corvo,  
Quizera eu livre ser,  
No seio azul do espaço  
Voar e me perder.

Voar, voar, nos ventos  
As azas estender,  
Co'as nuvens embalar-me,  
Voar e me perder.

Voar sempre, fugir-me,  
No ether me esconder,

Fugir, fugir da terra,  
Voar e me perder.

Direito ao sol dos trópicos  
Soltar minh'alma--a arder  
Co'as chammas que a devoram--  
Voar; voar, morrer.



SAUDADES NO PORVIR.

Eu vou com a noite  
Pallida e fria  
Na penedia  
Me debruçar:  
O promontorio  
De negro dorso,  
Qual nau de corso  
Se alonga ao mar.

Dormem as horas,  
A flor somente  
Respira e sente  
Na solidão;

A flor das rochas,  
Franzina e leve,  
Ao sopro breve  
Da viração.

Cantando o nauta  
Desdobra as vélas  
Argenteas, bellas  
Azas do mar;  
Branqueia a prôa,  
Partindo as vagas,  
Que n'outras plagas  
Se vão quebrar.

Eu pönho os olhos  
No firmamento:  
Que isolamento,  
Oh, minha irmãa !  
Apenas o astro  
Que a luz duvida,  
Prométte a vida  
Para amanhã.

Naquella nuvem  
Te vejo morta:  
Meu peito corta  
Cruel sentir !  
Da lua o turbulo  
Na onda ondula,  
E o mar modula  
Como um porvir.



## SEDUCÇÃO.

Vamos, ó bella, ao templo dos amores:  
A c'roa cinge; põe o véu de nuvens;  
Traja alvas sedas, reluzentes, puras,  
    Como minha alma.

Vamos! que importa que entre mim e o mundo  
A noite abysme-se, onde tudo acaba?  
Que a mim d'êmtorno a solidão se faça  
    Como ao simum?

Julgas acaso que do amor os beijos  
Dardejam raios, como o sol deserto

Que a flor devora, consumindo a seiva  
Do coração ?

Minha alma é bella como o luar formoso,  
Maga encantada, esplendida dos céus,  
Que o bruto e o homem, quanto aqui respira,  
Ama e fascina.

O bruto e o homem, porque a virem os força  
A luz sombria dos meus olhos—  
Cinge a corôa, ao templo dos amores  
Vamos, ó bella !

Oh! nada temas quando as vês tão tristes  
Frontes altivas, que dominam a terra:  
Dobram-se aos pés da formosura Alcides,  
Beijam-lhe as mãos:

São os escravos das divinas fórmas,  
Das virgens santas, da virtude eteérna;  
Incensos queimam, sacro fogo accendem  
No altar de Vesta.

Porém te vejo sobre o meu sepulchro  
Triste e sozinha debruçada em prantos...  
O pranto meigo e o soluçar queixoso  
Ouçam-te os céus!

Por entre os negros dolorosos crepes,  
Pulsam-te os seios arquejantes, brancos,  
Vôam-te em ondas os cabellos soltos  
Na aza dos ventos.

Colhe-os, entrança-os; das espaduas bellas,  
Vampirea sombra, o negro luto despe!  
Cinge a corôa e as sedas alvejantes  
Como minha alma!





ARREPENDIMENTO.

Leucollenos Here !

HOMERO.

Cala-te . . . o quanto me queres,  
Não digas! deliras tanto,  
Que quasi aterra-me o encanto  
Que em ti meu ser produzio !  
Salamandra dos prazêres,  
Nas chammas fui; da saudade  
Nas sombras sou: e amizade  
Tanta, nunc'a alma sentio !

Meu Deus, que dás á innocencia  
Todo o riso dos amores,

Toda a graça, todas cores  
Das azas do cherubim,  
Dá que na luz da existencia  
Ria-se á luz da esperança  
A tão formosa criança,  
Tão alva como o jasmim !

Nella firmava o futuro,  
Na minha eterna tristeza . .  
Tanta nascente belleza  
Todo um presente criou !  
Então, no sonho mais puro  
Que tu concedes á estrella,  
Raiou-lhe a crença tão bella,  
Que nunca mais a deixou !

Perdão, Senhor ! foi loucura  
No homem cego e mundano,  
Fugir do amor soberano  
Ao fulgor material . . .  
—Mas esta dor séva, escura,  
Sempre a falar do passado,  
Foi o pão amaldiçoado  
De cada dia a meu mal !

CASUARINAS.

Venho ouvir os doces threnos,  
Casuarinas,  
Venho ouvir a voz do mar:  
Dos cabellos nazarenos  
As neblinas  
Sacudi d'entorno ao ar !

Tão aereas, tão gementes,  
Sois tão bellas  
Como o são virgens do céu,  
Com suas almas transparentes  
E quando ellas  
De luzes desdobram o véu.

Vem nas ondas dos luares,  
 Na miragem  
 Da harpa eólia a gemer,  
 Bellas virgens dos scismares,  
 Grata imagem  
 Vem-vos a alma adormecer. .

Quando a brisa suspirando  
 Vos inclina  
 —Oh! a doce inspiração!—  
 Vossas musas se embalandq  
 Vesperinas  
 Falam tanto ao coração!

As estrellas, que se accendem  
 Scintillantes,  
 Vossas fronte matizaram;  
 As auroras, que resplendem,  
 Mil diamantes  
 Dos seios vos arrancaram.

E venho ouvir vossos threnos,  
 Casuarinas,

Venho ouvir a voz do mar —  
Dos cabellos nazarenos  
As neblinas  
Sacudi d'entorno ao ar.



FLORES DO AR.

Ecce Deus fortior—  
Dante. Vita Nuova.

I •

Minh'alma se eleva  
Nas flores do ar,  
Que ás bordas s'inclinam  
Das ondas do mar.  
E as ondas são virgens  
Que dão-nos vertigens,  
Se nellas s'inclinam  
As flores do ar.

Minh'alma fluctua  
 Nas auras de abril,  
 Na luz se embalança  
 Do céu puro anil.

Se como a violeta  
 A vês . . . borboleta  
 Dos céus s'embalança  
 Nas auras de abril.

Quem desce a collina ?  
 Quem anda á soidão ?  
 —Na fronte a tristêza,  
 No olhar a paixão—

Que faz a donzella  
 Tão pura e tão bella  
 Com tanta tristeza  
 Na rosea soidão?

Espalha na terra  
 Suas flores de abril,  
 E uns risos d'esp'ranças  
 Nos ares de anil.—

Escuta: se amares



As flores dos ares,  
 Tu morres em esp'ranças  
 Como ellas em abril.

## II

.....

Ella ensinou-me a soletrar seu nome  
 Com a gentil affeição da flor que odora  
     D'Helios o puro amor  
 Quando a dor da existencia me consome,  
 Eu heiço a doce letra, e nova aurora  
     Vem afagar-me a dor.

Tu nunca o saberás... nunca a loucura  
 Desprenderá meus labios, que uma phrase  
     Te faça estremecer.  
 Porém te adoro tanto, que a ventura  
 De ver-te é todo o sonho, e amar-te quasi  
     De amor enlouquecer.

Louco ! á luz da belleza que resplende  
 Insecto eu fui, que cega e que delira  
     Das luzes ao redor;  
 Abelha d'embriaguez, que aos labios pende;  
 Serpente das paixões, que amor suspira  
     Envenenando a flor.

Eram as brancas fôrmas, eram os thronos  
 Onde reina o mais vário; onde amor dita,  
     Como um demonio, amor. —  
 Porém, á ardente noite voltam os somnos  
 De mais brando sonhar, e a letra escripta  
     Beijo, afagando a dor.

## III

.....

Bem sei que amar-te não posso;  
 Que és luz, eu trevas, bem sei.  
 Minha alma ardente de moço,  
 Se adora a virgem minha alma,

A fronte altiva com calma  
 Posso curvar — e curvei . .

Eu fui, qual sombra, escutar-te  
 Os hymnos da etherea voz  
 Como o crystal que se parte  
 Das gottas fracas da fonte,  
 Que então não desceu do monte,  
 Deixando os echos a sós.

Fui, da divina fraqueza  
 Ao encanto e á seducção,  
 Sombra presa, presa, presa  
 Da miragem peregrina,  
 Que se eleva e se illumina  
 Aos raios do coração!

Nunca o destino te fira  
 Qual me feriste—que fiz?  
 Oh nunca a amor, que delira  
 Da luz ao meio e do riso,  
 Venha o anjo do paraiso  
 Dizer-lhe: pára, infeliz !

Tu me olhaste toda a noite  
Sem mais me apertar a mão:  
Eu sentia fundo o açoite  
Com a mudez dos infelizes —  
Até tu também maldizes  
Minha eterna solidão !

Ai ! a razão me abandona,  
Vae-se-me a vida estalar !  
Densas trevas sobre a zona  
Que eu percorria de luzes  
Obumbram-se, e a não seduzes  
Mais com teu vívido olhar !

Eu vi, que te admiravas  
De mim; eu vi-te partir —  
Ai ! a vida que me davas  
Era tão pura e tão bella,  
Que podias ser a estrella  
Sempre em minh'alma a luzir !

Te amava eu, do amor puro  
Que a terra devê a seu Deus:

Como do vento o murmúro,  
Da onda a canção saudosa,  
Como a harmonia formosa  
Que emana dos labios teus.

Oh ! eu te amo ! e tanto, tanto,  
Que não sei senão te amar !  
Os dias corram-me em pranto,  
Corram-me os dias por flores,  
Serás meu canto de amores  
Ou minha musa a chorar.

Escreveste-me a sentença  
De morte—enfim ! mas, de ti  
Venha a paz e a doce crença,  
Venham os horrores da sorte,  
Na vida como na morte,  
Beijo os pés onde caí.

Adeus ! eu levo contigo  
Todo o segredo do amor:  
Dá sombra eterna ao abrigo,  
Somente lá, com meu pranto,  
Rompendo os labios o encanto,  
Direi teu nome ao Senhor.



MYOSOTIS.

Não vás ! escuta-me ! eu irei contigo,  
Não desesperes do destino meu !—  
Do céu ás vezes cáe um pranto amigo  
Aos anjos tristes que perderam o céu.

Oh ! não me esqueças ! não me esqueças inda,  
Que de saudades tuas morrerei !  
Se eu amo as flores, és a flor mais linda;  
Se amores queres, todo o amor te dei.

Não vás ! espera, que o abysmo é fundo  
Onde naufraga-se a existencia inteira !

Eterno o adeus, quando se foi do mundo  
Deixando a crença candida e primeira !

Não vás ! espera, que eu irei contigo  
Ao fim da vida ! Do destino meu  
Não desesperes, porque foi comigo  
Que tu cresceste, que fui genio teu;

Porque se fores, como a flor marinha  
Que o vento leva para extranhô mar,  
Quando vieres, já na ausencia minha,  
Tão murcha na alma, quem tu has de achar ?

Quem has de ver da suspirada aurora,  
Se em teu caminho não existirei ?  
Oh ! não me esqueças, bella seductora,  
Porque não chores como já chorei !

.....

Não vás ! escuta ! — quando fui maldito  
Dos céus terriveis, que da esp'rança eu vim



Por sobre a terra, como a do proscrito .  
Errante sombra, pallido Cain,

Tu foste a unica estrellinha amiga  
Que ao procellar das noites não fugio !  
Se vais, quem ha que, posto o sol, me siga,  
Vesper formosa qual jámais luzio ?

Tu foste a flor de amor, que não morreu-me  
Da alma descrente ao sopro abrazador;  
Que a debil hastea sobre mim pendeu-me—  
Oh! não me deixes, seductora flor !

Oasis meu da atribulada vida,  
Única flor, que sobre o meu rochedo  
Raio iracundo não tocou!—perdida  
Vais? oh não vás ! que fico só, tão cedo !

.....

Aqui brincamos . . . e os jardins sem flores  
As nossas brisas hoje encontrarão;

E as borboletas, já sem terem amores,  
Ai! de saudades, mais não voltarão!

Mas, quando venha aos lábios teus risinhos  
Abelha estranha a doce flor chupar,  
Serei na tua alma e nos mentidos sonhos  
A ave-phantasma, que verás passar:

Como nas plagas onde muge o vento,  
Se o fado ao nauta do seu mar lançou,  
Revôa a aguia—que não toma assento  
Sobre a sua presa, que o chacal tomou.

SULTANA DO ROUXINOL.

Rosa, pensei que não virias hoje  
A taes horas de amor.  
As sombras se estenderam das limeiras,  
Os fructos odorando.

Desceu do monte a viração da tarde,  
Das nuvens d'oiro o sol;  
Voaram aves aos sonoros ramos,  
Erra a noite nos valles.

Doce filha das graças e os amores,  
Intelligente flor,

Teu cinto é como o calice dos lírios  
Aos zephyros brandindo.

Quando brincas no bando d'innocentes,  
Es a mais lenta a andar.  
Adolescem em ti sómente os annos,  
Rindo-te a infancia na alma.

Simelhas com teus braços alvejantes  
Visão crepuscular . . .  
Dos regatos azues, que algures correm,  
Escuta, escuta as vozes !

O coração resôa-me, contigo,  
N'um hymno perennal !  
Teus labios são tão puros, que este beijo  
Se evapora e perde.

Não vás correr nas sombras das lixeiras,  
Deixa as outras brincar—  
São as vivas boninas que despontam  
Ao pôr do sol—escuta ! . . .

.....

Aqui nós voltejavamos d'entorno  
Aos nossos corações;  
Ella aqui se assentou:  
Alegre estava o ar...—e como a terra  
Entristeceu depois!



## EL OS QUEBRADOS

Eu convalesço, o coração se agita  
De novo na existencia enamorada!  
Doirando o rio azul, raia bemdita  
Luz do céu... que me foi berço e morada.

Quanta luz! quanto amor! quanta esperança  
Na estrella d'alva e aqui no coração!  
Meiga perdida, magica lembrança  
Do que hoje choro—e sem consolação...

--Não me deixem cair! sinto-me fraco  
Para esta dor dos echos do passado—

Vascas sangrentas d'alma e olhar opaco  
Da loucura a surgir do inferno odiado !

Oh ! rasguem-me estas trevas, que me envolvem  
E tiram-me da luz ! . . . Anjos queridos,  
Não é verdade? os céus p'ra mim se volvem,  
E meus dias tereis, longos, floridos?..



VASCAS DO JUSTO.

O odioso destino, que presidio ao meu  
nascimento, devorou-me!

HOMERO.

Meu pae, nesta hora, quando os homens choram  
Resignados, e abaixam a cabeça  
    Á divina piedade;  
Quando a vil cobardia do peccado  
Leva á degradação—eu me alevanto  
    E encaro a eternidade.

Mundo ! mundo ! se nunca me illudiste,  
Eu deixo-te com o mesmo desespero  
    Em que vivi:

Maldizendo a existencia, que me deram  
 Como uma grande cousa, que educaram,  
 E eu fui que a soffri.

Fere, aqui tens meu coração, ó morte! . . .  
 Obrigado . . .—Não foram os doces laços,  
 Que eu cá não fora!  
 De ha muito a vida eu vol-a entregara,  
 Pura e sem mancha, ao vosso pae celeste;  
 E o mais . . . embora.

Cáio, rugindo como as feras morrem,  
 Como quebra-se o mar . . . Vós sois mais forte,  
 Fatal poder!  
 —Sinto o repouso da alma—sinto-a fria  
 Como gelam os pólos—tenho somno  
 E . . . —apodrecer.

SONETO.

Eu, que dobrei qual verde branda vara  
Dos desertos ao vento, e da verdade  
Do amor e desta doce liberdade  
Sacrifiquei descrente á terra amara,

Amo-te! — Se soubesses a saudade  
Que dos risos se tem . . . Oh! doce e cara,  
Volve os teus verdes olhos com piedade,  
Como a Virgem dos céus, consola e ampara!

Vem, como o anjo, que se vê descido  
Sobre o tumulto alvar, nevi-luzentes  
Meigas azas abrir! Vem, que é perdido

O veneno da flor!—Hoje innocentes  
Perfumes solta o lirio anoitecido  
Às auras dos jardins frescas e olentes.

ESPERAR.

Quando eu subo os meus cumes floridos,  
Quem será que me brada—esperar ?  
Oh ! deixai-me ir adiante, ir adiante,  
Que eu não posso um momento parar !

Esperar—se amanhã não existo,  
Se estas flores não hão de existir;  
Esperar—quando os céus, quando a infancia,  
Quando o amor—tudo vê-se a fugir ?

Quando a mente referve e rebrama  
Como o incendio da selva a estalar;

Quando o mundo nos deixa, e nos vemos  
Do passado um sepulchro a alvejar ?

Esperar—são as corôas de espinhos;  
São as rosas de Guatimozin;  
Esperar—são as portas sem esp'rança  
Deste inferno implacavel, sem fim !

Esperar--são algemas candentes;  
São as vozes do amor sem cantar;  
São as dores sem pranto, rugidas  
Como ás gralhas dos ventos o mar !

São da febre o delirio, o phantasma  
Da alma etérna, do nada a surgir  
E a voltar; são da morte e da vida  
Somno e dúvida, e o negro porvir !

Esperar—são as noites veladas,  
São as noites do eterno penar—  
Noites, noites—adiante ! não posso,  
Oh ! não posso um momento parar !

Mais depressa ! o sol posto, nos cumes  
Sómbrias negras se obumbram de horror !  
Mortas alvas são, mortos os astros  
De olhar meigo luzindo ao pãstor.

E esperar ! quando os céus não existem,  
Quando as flores presinto murchar ;  
Quando a luz de amanhã, quando a esp'rança  
Não me esperam—e esperar ? esperar !..





DÁ MEIA NOITE.

Dá meia noite; em céu azul-ferrete  
Formosa espádoa a lua  
Alveja nua,  
E vôa sobre os templos da cidade.

Nos brancos muros se projectam sombras;  
Passeia a sentinellã  
Á noite bella  
E opulenta da luz da divindade.

O silencio respira; almos frescores  
Meus cabellos afagam;

**Genios vagam**

**De alguma fada no ar andando á caça.**

**Adormeceu a virgem: dos espiritos**

**Jaz nos mundos risonhos.**

**Fôra eu os sonhos**

**Da bella virgem . . . uma nuvem passa.**

LIMÕES CHEIROSOS.

Limões cheirosos—quero nestes seios  
Morrer d'enleios, elevar-me aos céus!  
Sonhos risonhos, amorosos gosos  
Lograr ditosos—meu amor, meu deus!

Deixa... não fujas... tenho acaso na alma  
A ardente calma, que devora a flor?  
—A flor de amor ao lírio do martyrio  
Accenda o cirio, que illumina amor!

Amo os teus olhos, amo os teus cabellos  
Nos hombros bellos... sobe neste altar!  
Tua luz seduz! grinalda d'esmeralda  
Tua fronte escalda... deixa-te adorar!



EU VI A FLOR DO CÉU.

Eu vi a flor do céu—meiga esperança  
Sorrindo para mim, Deus verdadeiro !  
Eu amei como um doido a formosura,  
E eu não tinha dinheiro. . .

Então senti minha alma degradada,  
Como a bandeira que hasteou Tarquinó,  
Quando o fogo da febre lhe lavrava  
Nas veias do assassino.

E do mundo aos applausos, minha fronte  
Pallida entristeceu, mal resignada,  
Como essas flores, cuja alvura indica  
Floréa estação passada.



ANNINHAS.

.....

Beber eu ia ás fontes que por alli manavam,  
Ás sombras assentar-me que alli s'embalançavam  
Naquelles doces valles, naquelles céus de amor!  
No prado e nos jardins brincando andava Anninhas  
Com o bando sussurrante de lindas irmãzinhas,  
De borboletas lindas, que vão de flor em flor.

Oh dias! dias de ouro do Rio de Janeiro!  
Noites cheias de vozes! e os genios feiticeiros  
Da brisa e das torrentes do valle na soidão!

Tardes enamoradas ! formoso firmamento!  
Onde em scismar tão fundo perde-se o pensamento  
E estalam as cordas da alma na dor do coração !

E no passado jazem todos os sonhos meus !  
Eu era o lirio candido dos zephyros de Deus !  
E negro lirio eu sou, do inferno anjo do mal !  
O mundo converteu-me, da flor mais encantada,  
Em venenosa flor, dos nortes açoitada,  
Gemendo na montanha á voz do vendaval!



MORRERES?

Que o meu amor nas lagrymas se banha,  
Que soffrem os que amam-me, tu dizes?  
Que um cortejo de maguas me acompanha,  
Que espalho espinhos onde quer que pizes? . . .

Tu és formosa, como a branca estrella  
Nas trepidantes fontes crystallinas,  
Tens na alvura do rosto alvas boninas  
As noites perfumando, oh como és bella !

Como és formosa, marmore alvejante  
D'estatua, que enamora a auctora mão !

Quem me dera poder, louco, anhelante  
Nos seios accender-te o coração !

E dizes tu, que soffres, que endoideces  
Nesta flagellação de tanto amor ?  
Choras, olhando aos céus, como quizesse  
Dalli justiça eterna á tanta dor? . . .

Antes vê aqui dentro . . . é sangue vivo  
Dos elos mysteriosos com que prendes  
O trinq e sancto amor, que mal comprehendes,  
Que em mal devora ao trovador captivo!

E morreres em quanto a vida, isenta  
Da mancha, é doce aroma aos pés de Deus ?  
Emquanto a luz, que o peito te adormenta,  
Em onda azul derramam os olhos teus?—

Antes do bello tumulo a brancura  
Ardesse incendiando-se os luars  
De frigida ardentia, dos polares  
Gelos formosos, que só dão loucura !

Antes da bella estatua de alabastro  
 O mundo visse a transfiguração—  
 Surgindo o sonho, illuminar-se o astro,  
 Morto de amores Pygmalião !

.....

Mas, porque me despertam harmonias  
 A taes horas da noite em meu rochedo ?  
 Não são da vaga em torno as agonias,  
 Nem do vento os gemidos no arvoredos.

Preludiam de amor e de saudade  
 As vozes que eu escuto —alçai o canto !  
 São bellos corações de mocidade  
 Que trazem-me talvez, a mim, seu pranto . .

Cantai, cantai —o magico instrumento  
 Tem segredos de amor na solidão !  
 Vibrai, pungi tão fundo o isolamento,  
 A arrebeitar as cordas ao violão !

.....

Umbrosa noite, sombras encantadas,  
Fulgor nos astros, o exhalar da terra,  
«Minh'alma é triste», endechas namoradas  
Qu'embalam a noite e a viração desterra...

SONS E AROMAS.

I

Ao meio dia, flor, quando adormece  
Da acacia á sombra meigo trovador;  
Quando ao cair da calma nos parece  
Sentir andando no Eden o Senhor,  
Sólto o mais doce canto — em que se esquece  
E entre imagens delira o sonhador—  
Nos desertos dormido, elle agradece  
Com o sorriso do somno ao bom cantor !

Porém, tu, que só abres á noitinha,  
Quando já ninguém vês nem ha calor;

Que só queres encantos da estrellinha,  
 Que não plantou-te, nem te tem amor--  
 Ai! flor ingrata, livida e mesquinha,  
 Ao repouso o que dás do homem de dor?  
 Que dás ao que te adora e te acarinha,  
 Que, se morreres, morre o trovador?

Occultas-te do olhar de um bello dia,  
 Quando esguicham do sol vida e calor,  
 Quando toda avé trina de alegria  
 E sem sorrir não ha nenhuma flor!  
 E morres—sem o amor dessa poesia  
 Do triste desfolhar—não tens amor?  
 Freira egoista rezando ave-Maria,  
 Desconfio de ti, floreo primor.

Eu canto desde a aurora, e atravesso  
 Da calma sesta o fogo abrasador,  
 Entre flores, entre essas que, de acceso  
 Esmalte, ostentam glorias de esplendor!  
 Entre as rosas que fazem de travesso,  
 Ai! delirar um rouxinol de amor!  
 —Tanta innocencia, a candidez em excesso,  
 Não vão bem co'a paixão que inspira a flor.

## II

Bonina do cair da tarde bella,  
Nessa hora d'enlevos, que annuncia  
A oração, a flor da ave-Maria  
Eu, estendo minha alva e fina téla,  
Tão alva como a luz deste luar!  
Como fraldas nitentes da donzella  
Que adormeceu em sonhos de harmonia,  
Envolvem-me as visões do alvor do dia,  
Que da virgem parecem se exhalar.

O astro do pastor no firmamento  
Folga de amar-me e enamorar-me a sorte:  
Anjo crepuscular do nascimento,  
Anjo da aurora vem chorar-me a morte,  
Quando as rosas do sol vão despontar:  
Dou-lhe as doces primicias da consorte,  
Na ausencia effluvios, que lhe leva o vento,  
E inda no matutino passamento  
M'o verás do meu tumulo abraçar.

Perfumo a noite; o trovador scismando,  
Triste asyla-se á sombra da alva imagem,

Beija a flor sua — e sinto-o soluçando,  
Presa innocente de fatal miragem  
Do sol, das nuvens, da soidão, do mar.  
Amo os sons, estremeço á mansa aragem;  
O beija-flor nocturno delirando  
Aos aromas de mel. . . vives cantando,  
Bella ave — dou motivos a cantar;  
Tôrno a esp'rança formosa, aos céus voltando  
Do amor o sonho, as lyras a afinar.



ISABEL DE ESPANHA.

Tanto agitaram o thuribulo, que  
esborracharam as ventas do idolo —

OP. LIB.

Filha de reis divinos! divina sobre a terra!  
Onde Isabel—princeza, rainha excelsa—onde erra?  
Sombra do abysmo—imagem do anjo decaído,  
Que ver não soffre um throno e nelle um rei erguido,  
Que tira-lhe primeiro o amor da humanidade,  
E, pelo condão magico da doce liberdade  
Que d'alma luz á fronte, cinge-lhe d'oiro a corôa  
E meio a rir o deixa—miserrima *bourbôa*!

Na mão esquerda empunhas teu raio de Vulcano,  
Na dextra e mais sinistra teu sceptro de tyranno;

Silvam-te as tranças, presas serpentes de Meduza,  
 E creste-te inspirada — foi-te do inferno a musa !  
 Passavas como um astro por sobre a escuridão  
 Das fronteiras prosternadas da angusta multidão,  
 E a purpura colhendo, que a não manchasse abluza,  
 Não viste que dormia de Deus esse vulcão !

Nos ares reinam os ventos, as vagas no oceano,  
 Na terra a frente livre do povo soberano !  
 Quando arrebenta o raio, ergueu-se a tempestade;  
 Ao povo quando geme, tiraram a liberdade;  
 Do peito lhe arrancaram, arca de grande herança,  
 Dos seus avós a glória, dos filhos a esperança:  
 Porém, triste, soffrente, não ruge muitas vezes  
 Na dor, e longos annos vai mugibundas rezes.

Mandam-no emmudecer os tresloucados reis,  
 Ebrios d'incensos vãos; a carta de suas leis  
 Rasgam-lhe á face pura — que então muda de cor !  
 A vez primeira encaram-se, o povo, que é senhor,  
 Co'os reis, que elle elevava—symbolo em seus altares,  
 Da paz ao cidadão e da virtude aos lares!  
 Encaram-se inimigos, com a verde parasita  
 A selva, que lhe dera amor, seiva e guarita.

«Quão pouco custa, ai! flor do throno de Bourbon,  
 Ser nos destinos guia de um povo nobre e bom!»  
 Dirás, atrás olhando, figueira amaldiçoada  
 Do Deus que sobre a terra disse, com a voz sagrada  
 Que as almas incendeia—amor e liberdade—  
 O Deus irmão dos homens, o raio da verdade,  
 E que olvidaes, escravos, esphinges mysteriosas,  
 Postos da patria ao meio, como mortuarias lousas!

E quando, a Hespanha na alva de vívidos fulgores,  
 Vires que volta o amor á patria dos amores,  
 Que ao menos do remorso corra-lhe livre o pranto  
 A quem sorrir não soube da liberdade ao canto.  
 Catholica rainha, do exilio magestade,  
 Desfolha a *rosa de ouro* da fronte triste assim:  
 A benção tua estende, na hora da saudade,  
 Á bella Hespanha, a Torre e ao denodado Prim!



VINTE E OITO DE JULHO.

Os lábaros verdes nos ares ondulam,  
Na gloria da patria, na crença de Deus!  
Os peitos levantam-se, os hymnos modulam,  
Na terra cantados, ouvidos nos céus!

Nas roseas torrentes que descem d'aurora,  
Nos ventos, nos mares convulsos de amor  
Os cantos formosos s'entoam d'outr'ora,  
Que as fronteas incendem de eterno fulgor!

Os louros não murcham na patria dos lirios!  
Os cravos não tombam dos braços da cruz!

- Se pungem com sangue, com fundos martyrios,  
Sabeis que transformam-se em astros de luz!

Dobrai os joelhos! beijai esta terra.  
De nobres passados! sabeis ter-lhe amor!  
Sabeis defendel-a nos campos da guerra--  
Sois livres! sois filhos do sol do equador!

TO INEZ.

(BYRON.--*Paraphrase.*)

Oh ! não sorrias para a fronte pallida  
Que não pode sorrir.  
Nunca dêem-te os céus veres teu pranto  
Em vão, em vão cair.

•E perguntas, que dor punge-me occulta  
Corroendo a alegria e a mocidade?  
Envenenada dor--e que te importa,  
Se a mitigar não pode essa piedade?

Não é amor, nem odio,  
 Nem de ambições a honra vã perdida,  
 Que os dias meus aborrecer me fazem  
 E os amores fugir que amei na vida:

Mas, é a magua, que me vem de tudo  
 Quanto eu escuto e vejo.  
 Não me alegram os encantos da belleza,  
 Nem esses olhos, que resplandem e beijo.

Mas, é a dor, profunda, é a tristeza  
 Do legendario vagabundo Hebreu,  
 Que só tem olhos fitos sobre o tumulto  
 Onde vá descansar martyrio seu.

Quem de si fugir pode? o pensamento,  
 Esse demonio da alma ennegrecida,  
 Nos mais remotos climas segue-o, segue-o,  
 Açoite vivo da importuna vida!

E no entanto outros vejo nos prazeres,  
 Fruindo o que eu deixei:



Possam elles, dos sonhos nos arroubos,  
Nunca acordar, assim como acordei!

Eu vou por toda parte,  
Reprobo, do passado perseguido—  
Mas consola-me o ver que, quanto eu soffra,  
Nunca mais hade ser quanto hei soffrido.

Quanto hei soffrido? ai! não m'o perguntas,  
Por piedade, anjo eterno!  
Ri-te—desmascarar não queiras do b...em  
Um coração que té amostrara o inferno!



# INDICE.

## GUESA ERRANTE.

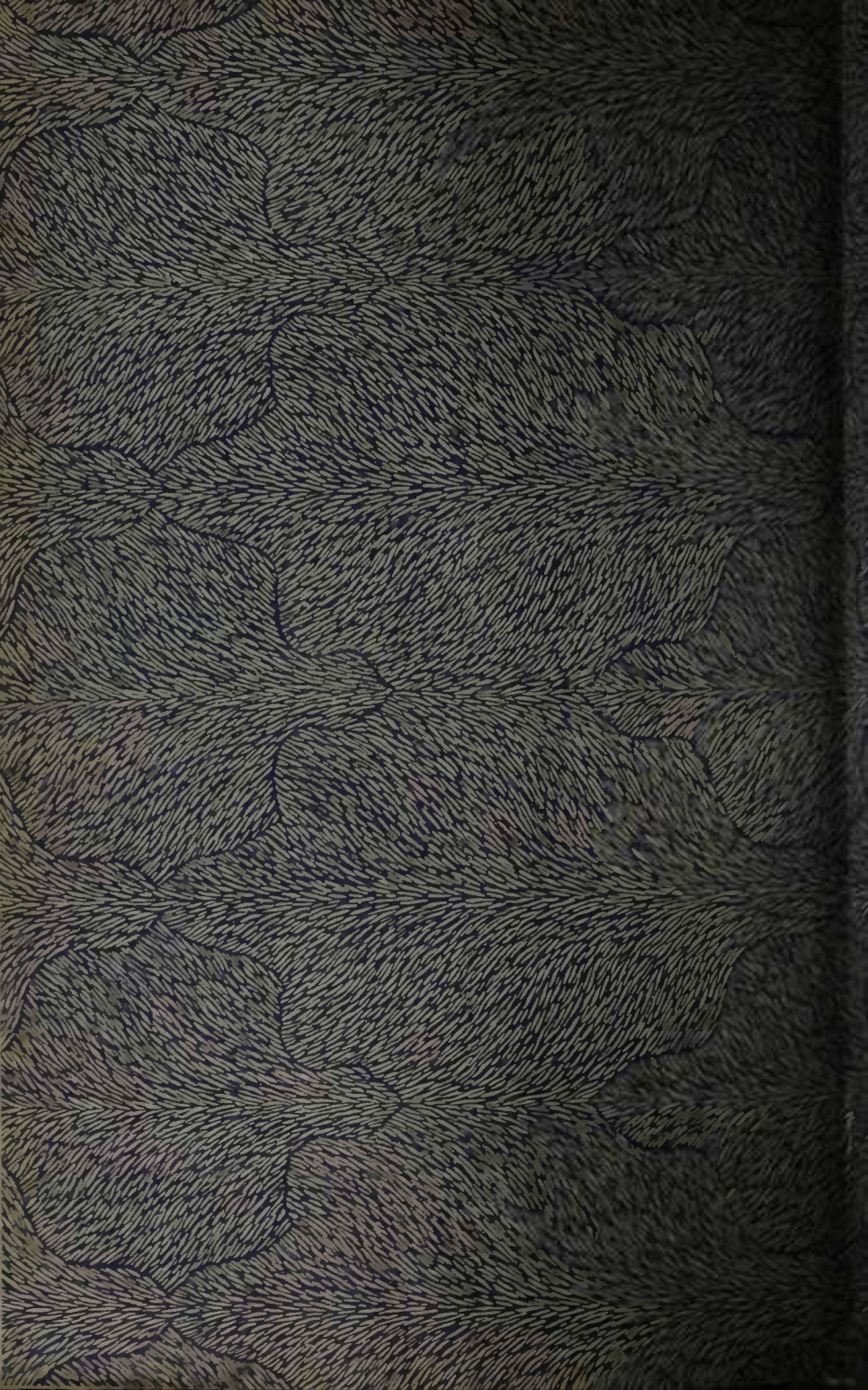
	Pag.
Historia. . .	7
Canto primeiro	9
Canto segundo	43

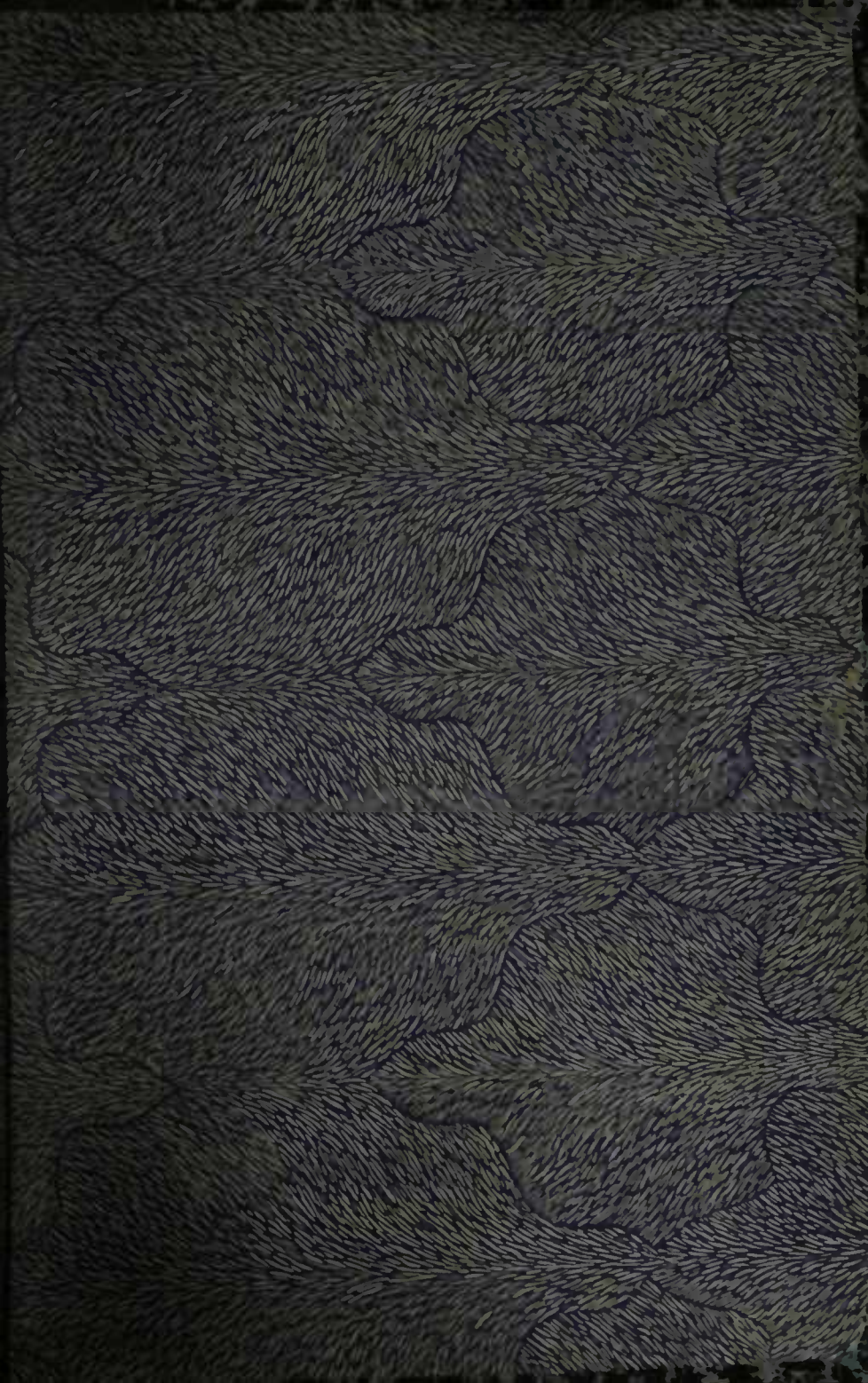
## POESIAS DIVERSAS.

Crescente . . .	75
Lilium convallium	81
Ave-Maria	83
Carmen . . .	87
Flôr das ruinas	91
Maria . . .	95
Donde vens?	97
Tardes na ilha.	101
Mademoiselle	105
Deserto.	109
Leila . . .	113
Morta de amor	115
Crepusculares	117
Limbos . . .	118
Recitativo	117
Estancias	119
Voar . . .	123
Saudades no povvir	125
Sedução . . .	129
Arrependimento .	133
Casuarinas	135
Flôres do ar.	139
Myosotis . . .	147
Sultana do rouxinol	151
Elos quebrados	155
Vascas do justo	157
Soneto . . .	159
Linhões cheirosos .	161
Esperar . . .	163
Dá incia-noite . . .	167
Eu vi a flôr do cân.	169
Anninhas	171
Morreres? . . .	173
Sons e aromas . . .	177
Isabel de He. anha	181
28 de Julho . . .	185
To Inez.	187













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).